diálogo

Júlio Emílio Braz

Pretinha, eu?

editora scipione

diálogo

A série **Diálogo** reúne títulos inéditos de autores nacionais voltados para o público infanto-juvenil. Um roteiro de trabalho acompanha o livro.

Ninguém queria acreditar... Foi o maior zunzunzum no Harmonia quando Vânia começou a freqüentar as aulas.

Pela primeira vez, uma aluna negra estudava no tradicional colégio.

E a turminha formada por Carmita, Vivi, Bárbara, Tatiana e Bel não estava nem um pouco interessada em facilitar a vida da nova aluna...

A partir de 11 anos

editora scipione
www.scipione.com.br

ISBN 85-262-4215-6
9 788526 242159

Este livro é dedicado a Nego do Samba
e a toda a turma boa do Olodum.

Viver em qualquer parte do mundo hoje
e ser contra a igualdade por motivo de raça ou cor
é como viver no Alasca e ser contra a neve.
William Faulkner

PREFÁCIO

Eu só descobri que era negro aos vinte e poucos anos. Parece brincadeira, mas não é. Também não é exagero.

Até então, ainda que não desconhecendo que branco definitivamente eu não era, mesmo porque minha escolha pelo curso de História na faculdade tinha tudo que ver com o meu inconformismo com relação ao papel destinado ao negro nos livros de História de minha infância e adolescência, eu não aceitava nem a palavra nem a minha própria negritude. Soava estranho. Soava forte. Eu vivia confortavelmente instalado dentro de palavras falsamente carinhosas do tipo "moreno" e "mulato" ou em termos simplesmente alienígenas, como "cidadão de cor" ou o famigerado "pardo" de minha certidão de nascimento. Meus sentimentos em relação a minha cor ou a minha etnia eram simplesmente embranquecidos. Aliás, o embranquecimento é algo consensual na maioria das vezes e inconsciente noutras tantas.

Descobrir-me negro já é outra história. Não foi nem bom nem mau para mim. Nenhuma panacéia. Até porque, como grande parte do povo brasileiro, não sou um negro com raízes imaculadas vindas unicamente da África. Tenho o sangue da diversidade que fez do Brasil esse gigante cheio de complexos e de complexados. Os meus pés estão firmemente apoiados em vários territórios e culturas. Gosto disso. Por outro lado, também me agrada e muito fazer parte dessa etnia que, apesar de ainda estar relegada a um segundo plano na sociedade, teve e tem, nela, um papel preponderante a desempenhar, inclusive resgatando-lhe o prazer, a satisfação e principalmente a alegria de, além de ser negro, ser gente. Gente que contribuiu com a língua, com os costumes, com a maneira de ser generosa, alegre e trabalhadora desse povo brasileiro. Há muito a ser contado sobre nós — no passado, no presente e no futuro —, e como escritor e como negro, em meus livros, gosto de fazer isso.

Pretinha, eu?, antes de ser um livro ou uma pergunta, traz em suas páginas muitas das dúvidas, dos temores e dos falsos conceitos que nortearam minha própria existência até os vinte anos. Não é autobiográfico, mas em algumas partes, podem acreditar, tem a minha cara. Nele eu sou a Vânia e também a Bel, a determinação soldadesca de uma e a inquietação de outra me pertenceram durante bastante tempo e, pior, devem pertencer a muitas outras pessoas.

Júlio Emílio Braz

ALVOROÇO

Nossa!

Foi um grande alvoroço, uma confusão, um zunzunzum pra lá e pra cá que só vendo!

Todo mundo foi pego de surpresa. Houve gente que não acreditou nem depois que viu. Olhava e se entreolhava, o queixo caído, os olhos arregalados, como se sentindo enganada ou vítima de alguma brincadeira sem graça dos próprios olhos, ou como se estivesse vendo alma do outro mundo.

Não era pra menos. Aquilo jamais havia acontecido no Colégio Harmonia.

Nunca.

Nunquinha, nunquinha.

Foi ela aparecer no portão, com o uniforme do colégio, pra começar o olha-pra-ela, olha-pros-lados. Bom, na verdade, não era pra ela propriamente. Era pra pele dela.

Ninguém entendeu. Ninguém engoliu.

Aquilo não podia estar acontecendo no Colégio Harmonia.

Por quê?

Porque, em cem anos de tradição, jamais alguém como Vânia entrara lá. Pelo menos, não como aluna.

Por quê?

Porque ela era... era... era... era preta, pretinha, pretinha, pretinha de parecer azul.

O impacto foi tão grande que a primeira reação das pessoas — alunos, pais e alguns professores — foi de espanto. E dos grandes. Era algo surpreendente.

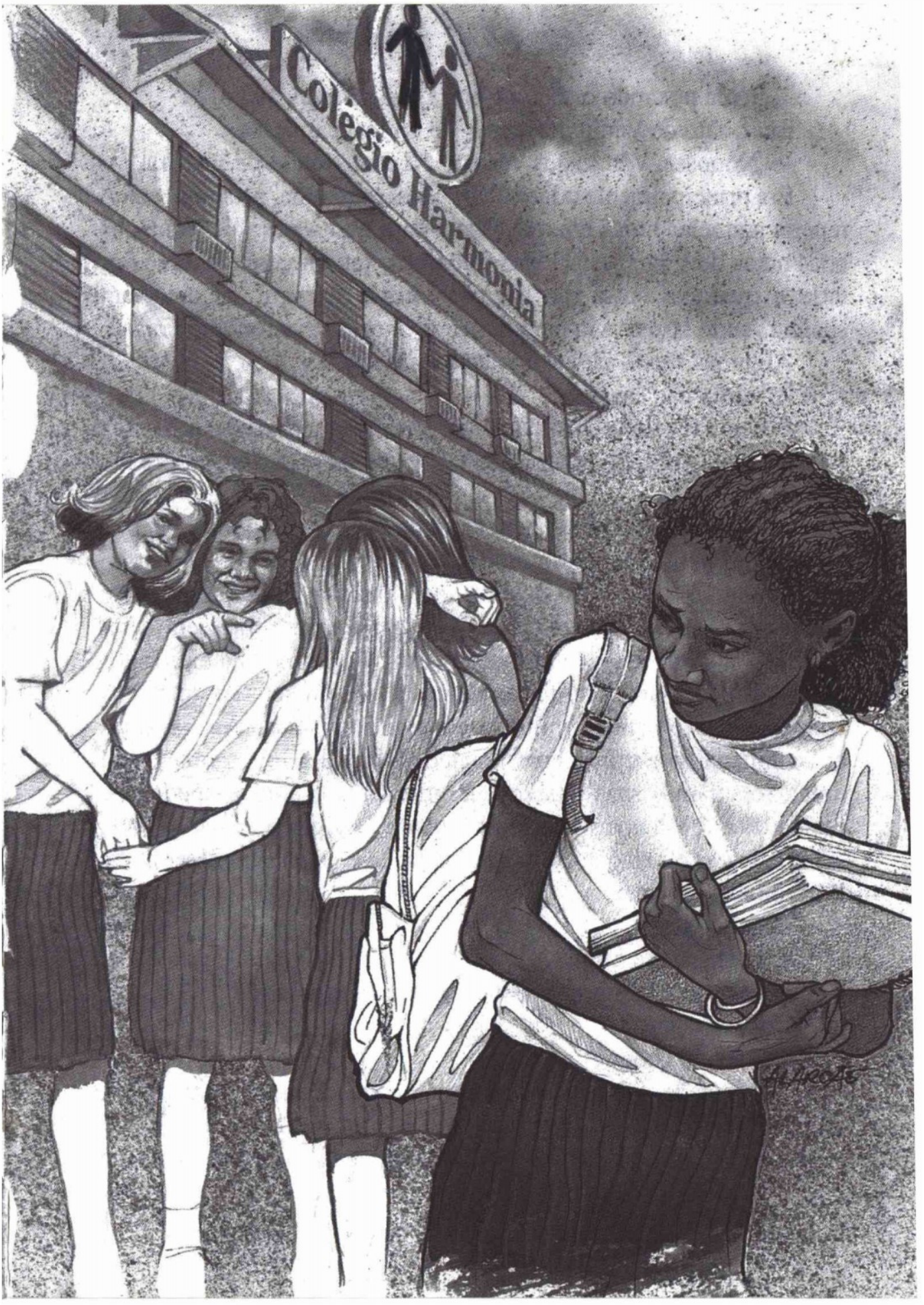
Em seguida vieram os risinhos debochados. As brincadeiras sem graça. A implicância.

— Olha, o Ciep[1]— é mais lá pra baixo, queridinha — mexeu uma das meninas, logo depois que ela entrou.

Vânia nem olhou pra ela.

---

[1] Ciep - sigla para Centro de integração da escola pública. Tipo de organização escolar introduzida no Rio de Janeiro pelo Governo de Leonel Brizola.


Colégio Harmonia

Puxa...

Vânia parecia saber muito bem o que queria e era durona. Estava na cara dela. Até quando a brincadeira começou a passar dos limites, continuou andando, olhando pra frente, como se nem fosse com ela. Vânia parecia saber exatamente o que a esperava quando pôs os pés no Colégio Harmonia.

Senti uma inveja danada de toda aquela coragem. Não sei bem por quê. Quando vi, já estava sentindo aquilo. Na hora, achei muito esquisito.

É, ela parecia preparada pra enfrentar qualquer coisa.

Tinha cara de teimosa.

Era bem pretinha, mas tão pretinha que do lado dela eu me sentia mais branca do que a Carmita, com sua cara cheia de sardas e os longos cabelos vermelhos. Vânia tinha o cabelo duro preso num monte de trancinhas como aqueles cantores de reggae que a gente vê na televisão. Os lábios eram grossos e vermelhos. Nariz de batata. Os olhos, grandes e brancos. Os dentes iluminavam um sorriso enorme e brilhante como o sol.

Mesmo depois da surpresa e apesar de mostrar que era uma aluna superinteligente — acho que era por causa disso —, volta e meia tinha alguém implicando, mexendo com ela...

— Pretinha, pretinha — repetiam as meninas.

Pior do que aquela implicância, só o jeito de pôr defeito em tudo, principalmente nas pessoas de quem não gostava. E Carmita tinha um talento todo especial para encontrar um defeito novo nas pessoas, principalmente quando se tratava da Vânia.

Eram os sapatos mais pobrezinhos da Vânia. Era o jeitão metido da Vânia, que não falava com ninguém e vivia agarrada à professora, que, por sua vez, não parava de elogiá-la.

— Uma puxando o saco da outra! — resmungava.

Era o fato de Vânia ir e voltar de ônibus para casa.

— Nooossa, Vânia, que carrão!... Tô morrendo de inveja...

Era principalmente o fato de Vânia ser pretinha, pretinha, como repetia naquelas horas em que ficava com muita raiva de Vânia, as boas notas de Vânia, seus belos trabalhos, seu interesse sincero por tudo e

qualquer coisa que os professores falavam ou tentavam ensinar. Tudo isso servia para deixar a Carmita morrendo de raiva.

Algumas vezes, eu até concordava com ela.

A Vânia não era real...

Por que ela tinha de ser daquele jeito? Por que tanto interesse? Por que tanta vontade de aprender? Por que tinha de ser sempre tão boa em tudo!...

Ninguém consegue ser bom em tudo o tempo todo a não ser que esteja fingindo... e fingindo muito bem!

Sabíamos que muito daquilo que Carmita fazia era somente inveja. Medo, talvez. Antes deVânia chegar, Carmita era o centro das atenções da sala. Todos tentavam se vestir tão bem como ela. Todos precisavam ir a uma das festas na casa dela ou ser seu amigo. A concorrência tomara Carmita invejosa e aborrecida. Acabávamos contaminadas por aquela contrariedade e inveja. Muitas vezes, sem notar, repetíamos suas palavras, engrossando o coro de pequenas maldades que Vânia ouvia ou sentia quase todo dia, sem dar um pio, sem reclamar ou xingar. Não dizia nada. Ia e vinha sem dizer nada. Nem olhava pra gente.

Bem, quase.

Ela olhava pra mim.

Querendo mostrar que não era tão durona assim?

Cheia de raiva?

Querendo chorar?

Na verdade, acho que ela se sentia confusa diante de mim. Eu, mais do que qualquer outro, a deixava muito confusa.

Claro, Carmita tinha os cabelos vermelhos, os olhos azuis e a pele branca, o que tomava suas muitas sardas ainda mais visíveis. Bárbara era loura de olhos verdes. Os cabelos de Vivi eram negros, mas a pele dela também era branca. Tatiana ganhou o apelido de Gringa por seus cabelos cor de palha e a pele avermelhada, as bochechas — ela era gordinha — vermelhas, vermelhas. Herança dos avós holandeses, dos quais se orgulhava muito.

Mas eu... eu...

Eu era morena. Não tão preta quanto a Vânia, ou com o cabelo “ruim” e os lábios grossos, mas eu era morena. Tinha os olhos negros.

Os cabelos curtos, também pretos, também menos lisos do que gostaria que fossem, mas bem melhores do que os dela.

Sei lá, Vânia me assustava. Eu nem sequer gostava de ficar muito perto dela. Era medo de que notassem a semelhança há tanto tempo ignorada ou simplesmente despercebida. Talvez fosse por causa desse medo que eu mexia com ela como as outras meninas gostavam de mexer. Era assustador admitir que nós duas possuíamos alguma coisa em comum. Apesar de Vânia ser mais pretinha do que eu.

Pretinha, eu?

Não, eu não.

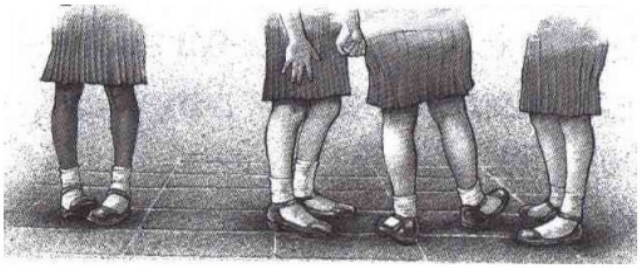
Eu era morena.

Era o que mamãe dizia e papai repetia.

Pretinha... pretinha... pretinha... pretinha era a Vânia com seus cabelos em tranças e seus sapatos pobres. Pretinha era a Vânia, de quem todos zombavam e sobre quem contavam piadas na maioria das vezes bastante maldosas.

Pretinha era a Vânia, que se calava quando alguém a chamava de "pretinha", pouco ligando, nem se importando que zombassem dela de um jeito ou de outro. Ou fingindo que não se importava.

Não, ninguém podia ser tão durona assim...



A HISTÓRIA DE VÂNIA

Vânia já não andava sozinha. Fizera amigos. Poucos, é bem verdade, e a maioria interessada apenas em ter alguém inteligente de quem colar nas provas. Mas eram amigos.

Havia a Sumiko, que todo mundo vivia perturbando e chamando de "japona". Outro era o Tiãozinho, que, apesar do nome, era lourinho e dono dos olhos azuis mais bonitos da escola. Contei mais alguns que nem eu nem a minha turma — Bárbara, Carmita, Vivi e Tatiana—

conhecíamos direito. De qualquer forma, Vânia não estava mais andando sozinha pela escola.

O fato de Vânia estar começando a ser aceita aborreceu Carmita ainda mais. As piadinhas aumentaram muito e tomaram-se tão variadas — algumas realmente bem malvadas—que numa ou noutra ocasião acabei sentindo pena da Vânia. De vez em quando, até mesmo a Carmita sentia que estava indo além da conta, exagerando na dose, e ficava meio sem jeito. Mas como é que ela ia parar? E isso que acontece quando a gente coloca uma máscara por muito tempo. A gente simplesmente não consegue mais tirá-la.

Carmita sempre fora implicante, mandona e cheia de vontades, mas ultimamente estava demais. Eu e Vivi chegamos a falar com ela. Pedimos para dar um tempo. Ela se aborreceu ainda mais e aí sobrou para nós, principalmente para mim...

— Por que você está se doendo tanto por ela, Bel? Descobriu algo de novo nela ou foi em você mesma?

Sei não, mas notei que Carmita estava querendo insinuar alguma coisa. Ela começou a fazer questão de perceber que eu era "moreninha" a partir daquele dia.

Não que já não tivesse visto antes (mas que bobagem!), não é isso. Acontece que antes parecia não ter a menor importância. Antes não dava para se fazer facilmente uma comparação. Antes eu era a amiga que ela carregava pra tudo que era lado. A filha do advogado Eduardo de Souza Campos (o que também pesou e muito quando fui aceita no Colégio Harmonia). Pagava isso, pagava aquilo, pagava tudo.

Medo. Fiquei com medo.

Medo de quê?

Não sei. Apenas medo, muito medo.

Perder a amizade da Carmita e das outras?

Ser também chamada de "pretinha"?

Ser pretinha?

Medo. Muito medo.

Fiquei com raiva. Também não sei por quê, mas fiquei com raiva da Vânia.

Se ela não estivesse ali, aquilo com certeza não estaria acontecendo. Eu não estaria com medo.

Passei a implicar com ela tanto ou mais do que Carmita. Queria ser diferente. Ninguém ia me confundir, ninguém ia achar que a gente era igual.

Igual?

Não, a gente não era igual. Não era mesmo.

Todo mundo tinha de saber isso.

Volta e meia, eu estava mexendo com a Vânia. Dizia coisas ruins, zombava de sua aparência, imitava seu jeito de falar e de andar. Gaguejava como ela gaguejava quando era obrigada a falar depressa. Imitava seu beiço vermelho e trêmulo quando a gente conseguia abrir um buraco em sua armadura e quando ela lutava pra não chorar diante de nossas provocações. Um dia, ela não agüentou e me xingou, do jeito de quem não está acostumada ou tem medo de fazer isso.

Ah, pra quê?!

Daquele dia em diante, sempre que ela estava com raiva bastante para nos xingar ou doida para nos estrangular, gritávamos:

— Vagabunda!

Igualzinho a ela.

Eu ria muito dela.

Bastava que Carmita aparecesse com uma nova maneira de perturbar a vida de Vânia, que lá ia eu atrás dela, repetindo o que dizia, o que fazia e até mesmo como agia. Mesmo assim, volta e meia, a gente se surpreendia com a capacidade dela de encontrar novas maneiras de perseguir a Vânia.

— Eu descobri, gente, eu descobri! — Ela parecia uma louca, os olhos enormes e brilhantes de ansiedade, quando entrou na sala de aula um mês depois da Vânia aparecer na escola.

Ficou uma olhando pra outra, sem entender bulhufas, principalmente o motivo de tamanha alegria.

— Descobriu o quê? — perguntou Vivi.

— Como a pretinha entrou aqui. — É, Carmita raramente se referia a Vânia pelo nome, mas gostava muito de provocá-la com aquela palavra...

Pretinha...

Cercamos Carmita, cheias de interesse.

— É?...

— É!
— E como?
—Vocês não vão acreditar... — Carmita se esforçava pra não rir.
— Ela ganhou uma bolsa de estudos!

Estranhei. Ela disse aquilo como que aliviada, como se a informação a tranqüilizasse e a fizesse, de alguma forma, se sentir superior a Vânia. Era como se não pudesse admitir que uma pessoa como Vânia tivesse dinheiro suficiente para pagar uma escola como o Harmonia. Nossa, como a Carmita se sentiu feliz ao saber que Vânia era bolsista.

Mais uma vez, sobrou pra Vânia, pois daquele dia em diante aparecera uma nova palavra com a qual Carmita a incomodava. Era terrível. Ela não parava. Repetia, repetia, repetia. Repetia de uma maneira que enlouqueceria qualquer pessoa. Repetia com a única intenção de humilhar, odiando de verdade. Uma loucura. Quanto mais Vânia fingia não ouvir ou deixava pra lá, mais Carmita se invocava e a perseguia.

"Bolsista." Essa era a palavra que Carmita vivia gritando ou sussurrando, usando a palavra com desprezo, para diminuir Vânia. Não escolhia lugar. Era na sala de aula, nos corredores, na rua em frente ao colégio. Qualquer lugar servia.

Vânia não se importava. Quando quiseram saber por que ela não brigava com Carmita, ela exagerou num gesto de pouco caso e contrapôs:

— E por que eu ia brigar com ela? É verdade, sou bolsista...

Ela podia enganar os outros. Alguns alunos e professores mais dia menos dia iam transformá-la em santa. Pra mim, era tudo fingimento. Se ela não dependesse daquela bolsa, se não gostasse de estar num lugar chique como o Harmonia, se os pais não esperassem muito dela (pais são sempre pais e estão sempre esperando ou cobrando tudo da gente), ela já teria metido a mão na cara da Carmita. Pode crer.

O pai de Vânia trabalhava na casa dos donos do colégio. Como eles gostavam muito dela, deram a bolsa. Muita gente vivia dizendo que Vânia era muito inteligente e eles queriam ter certeza de que teria um bom estudo numa boa escola.

— Essa, sim, é uma garota de futuro, de muito futuro — disse o velho Epaminondas Cerqueira, o dono do colégio, durante uma das visitas que passou a fazer a nossa turma.

Ah, pra quê!

Foi um tal de gente arremedando o professor Epaminondas — principalmente a Carmita, claro —, repetindo as poses e caretas, até a maneira como ele arrastava a perna direita e andava se balançando de um lado para o outro, que a professora teve de chamar a atenção de muita gente pra não acabar a turma inteira suspensa.

E quem disse que a Carmita ligou?

Que nada!

Ela provocou ainda mais. Improvisando um monóculo com o papel brilhante de um bombom, ficou girando em torno da Vânia, querendo provocá-la, recitando elogios e bobagens que fizeram todo mundo gargalhar até não poder mais.

Um dia desses, Vânia encarou Carmita e ficou olhando para ela um tempão, os olhos brilhando de uma maneira...

Foi a primeira vez que vi os olhos de Vânia brilharem daquele jeito.

Ficamos olhando, ansiosas, acreditando que Carmita finalmente conseguira irritar Vânia de verdade. Teve quem pensasse que as duas acabariam brigando ali dentro da sala de aula, sem se importarem com mais nada.

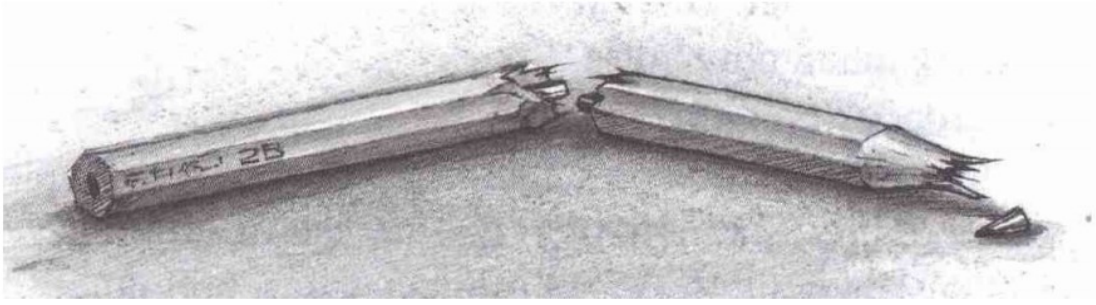
Engano geral. Não teve briga nenhuma. Não porque Carmita não quisesse. Ela queria e queria muito. Foi somente porque Vânia, mais uma vez, preferiu ignorar, com um simples sorriso, tanto Carmita quanto suas provocações.

Sorriu e virou as costas.

Foi isso aí!

Carmita acabou toda sem graça. Deu no que deu... a turma inteira aproveitou e riu dela!

Nossa, os olhos da Carmita não pararam de brilhar, cheios de raiva, pelo resto da aula.



MAMÃE

— Uma pretinha, você disse?

— Foi o apelido que a Carmita e as outras resolveram dar pra ela, mãe.

— E ela é?

— É o quê?

— Pretinha, ora... é?

— É.

— Muito?

— Muito, muito mesmo.

Mamãe parou e fez uma careta de aborrecimento.

— O que deu nessa gente? Ela...

— Ela é uma boa aluna, mãe. Das melhores. Melhor do que eu.

— Quem disse?

— Ah, todo mundo!...

Mamãe pareceu confusa. Ficou me olhando como se não fosse possível existir no mundo alguém mais inteligente do que a filha.

Coisa de mãe.

— E onde é que ela arranjou dinheiro pra pagar o colégio? O Harmonia é caro, muito caro...

— Ela ganhou uma bolsa.

— Verdade? E como?

Contei toda a história de Vânia. Falei também das implicâncias da Carmita e, principalmente, do que eu estava sentindo. Por fim, com uma dúvida muito forte em minha cabeça, perguntei:

— Eu também sou pretinha, mãe?

— Hem? —Acho que minha mãe se assustou quando perguntei.

— Pre...

— Mas é claro que não! De onde você tirou essa idéia, menina?

Fiquei olhando para mamãe. Seus cabelos dourados caíram no meu rosto quando se inclinou na minha direção.

— Você é moreninha... moreninha...

Uma resposta que eu conhecia e aceitava. Pelo menos até o aparecimento de Vânia.

Olhei e fiquei assim, não tirei mais os olhos do seu sorriso carinhoso. Ela realmente acreditava no que dizia. Devia ser fácil, com seus cabelos louros e os olhos verdes como os de Tatiana!

Minha mãe...

Naquele momento, quis ter a pele tão clara quanto a dela. Não precisaria ficar enchendo a cabeça com dúvidas daquele tipo nem ficaria repetindo o que ela dizia, como que procurando me convencer de que tinha razão.

MO-RE-NI-NHA!

Não adiantou nada.

As dúvidas continuaram ali, na minha cabeça; e, entre elas, o rosto de Vânia, pretinho, pretinho, sorrindo pra mim.

Mamãe notou. Até papai, invariavelmente distraído, sempre tão preocupado com seu escritório, envolvido com o trabalho de advogado, notou. E, ele também notou. Deu pra ver o olhar de censura que dirigiu a mamãe.

Ficou observando de longe e com certa contrariedade. Depois chegou mais perto e, certo de que meu silêncio escondia alguma coisa, perguntou:

— Tá tudo bem, filhinha?

Olhamos um para o outro.

Ele também era moreno, não tão moreno quanto eu, mas, mesmo assim, moreninho. Não gostava de ser chamado de "moreno". Preferia referir-se a si mesmo como mulato e, volta e meia, ainda acrescentava um "claro" ao mulato — "mulato claro". Papai simplesmente não discutia esse tipo de coisa com a gente. Era como se não tivesse importância.

Antes, quando não tinha o escritório e tantos clientes e não ia tanto a festas de gente importante nem aparecia nas colunas sociais, ele até costumava conversar sobre isso. Falava dos pais e do esforço que haviam feito para mandá-lo para a universidade. Falava de seus próprios esforços e dificuldades e contou uma ou outra história em que sempre havia gente como Carmita, implicando muito com sua cor. Naquela época, ser negro não o incomodava. Ele chegou a dizer uma vez que todos deveriam se orgulhar de ser o que eram. De uns tempos pra cá, papai mudou. Foi se preocupando mais em ganhar dinheiro e

ganhou, ganhou muito. A gente mudou de casa. Trocou de amigos. Esqueceu o que era. Quando insisto nisso, ele fala como minha mãe. Que eu sou moreninha...

— Quem é a Vânia? — quis saber meu pai.

Repeti a história toda.

— Foi ela quem disse que você era pretinha? — interessou-se, preocupado.

Fiquei cismada. Não entendi a preocupação.

— A Vânia não disse nada, pai...

— Não? — Papai fez cara de desconfiado.

— Não... — tomei a responder.

Duvido que tenha acreditado.

Nem meu pai e muito menos minha mãe. Eu só via os dois pelos cantos, conversando, um fazendo perguntas para o outro, os dois, volta e meia, espichando os olhos na minha direção.

— Deve ser aquela pretinha que anda pondo essas idéias na cabeça dela—reclamou mamãe certa noite. Parei na porta da cozinha e fiquei ouvindo: — Como é mesmo o nome dela?

— Vânia...

Mamãe queria ir no colégio pra reclamar, mas papai não deixou.

— E você ia dizer o quê? — quis saber. — Que a menina anda chamando nossa filha de “pretinha”?

— Mas ela é...

— Pretinha? Clar...

— Morena! — Minha mãe encerrou a discussão com voz firme.

— É? — Dava para sentir pelo seu tom de voz que papai estava aborrecido.

— Francamente, Eduardo. Eu estou falando sério. Essa menina...

— Essa menina já deve ter problemas demais no colégio para nós dois ficarmos pensando em criar outros.

— Mas ela...

— Acho que vou para o escritório.

—É o que você faz, sempre que tem um problema aqui em casa...

Depois disso, os dois resolveram brigar e fui embora.

MALDADE

Hoje, fizemos uma maldade das grandes com Vânia. Quer dizer, Bárbara inventou, Carmita adorou e nós todas concordamos em participar.

Nos últimos dias, a sala inteira tinha reparado que, mesmo com o calor que estava fazendo, Vânia ia sempre de casaco.

— Estranho, né? — disse Bárbara, certo dia.

—Vai ver que ela é friorenta assim mesmo — opinou Vivi.

— Nãããão... tem alguma coisa aí que...

— O quê? — Ficamos interessadas.

— Não sei... mas vou descobrir!

E tanto fuçou, que acabou descobrindo:

— Sabe a Rê? —Todas nós sacudimos a cabeça afirmativamente. —Pois é, ela disse que a Vânia não tira o casaco porque tá com dois buracões na camisa, debaixo dos braços.

— É mesmo?

— Foi o que a Rê disse...

— E como ela sabe?

— A Rê viu quando ela tirou o casaco pra entrar no ônibus. Estavam bem lá... foi só ela agarrar nos ferros da porta pra subir e lá estavam os dois, maiores que duas crateras lunares!

Rimos alto. Ficamos rindo uma pra outra, todas cheias de más intenções na cabeça. Mas, como eu disse, a idéia foi da Bárbara.

— E se a gente escondesse o casaco?

Risinhos, risinhos.

— E, eu bem que queria ver a cara dela... — disse. Não entendi, mas me vi toda sem jeito quando falei isso. Não me senti legal.

— E como a gente vai fazer isso? Ela não tira aquele casaco!

Passamos um tempão pensando.

—A aula de educação física! — quase gritou a Tatiana. Sorriu e, olhando pra gente, explicou: —Ela vai ter de tirar o casaco pra fazer ginástica, não vai?

É, ia sim.

A aula de educação física era no dia seguinte e, como a gente já sabia, Vânia seria a última a sair pra aula. Ela só trocava de roupa quando todo mundo já tinha saído do vestiário.

— E pra ninguém ver os buracões — explicou Bárbara, com um risinho debochado.

Tudo combinado, escondi-me entre os armários e esperei que ela, depois de acreditar que todas tinham saído, se trocasse e fosse para a quadra. Vi os buracões. Não me sentia legal. Pior. Sentia-me confusa.

Se não estava gostando, por que estava fazendo aquilo?

Não sabia. Não queria pensar. Fugi rapidamente daquelas perguntas que apareciam a toda hora na minha cabeça; corri e peguei o casaco. Escondi-o dentro da minha mochila.

Fizemos a aula, uma olhando pra outra, rindo, esperando pelo momento em que Vânia não encontrasse o casaco. Carmita tava que não se agüentava e, de vez em quando, caía na risada.

— Que bicho te mordeu, Carmita? — perguntou a professora.

— Nada, não, professora Sofia. Nada, não... — Carmita olhava pra Vânia e acrescentava: — Bobagem... só bobagem...

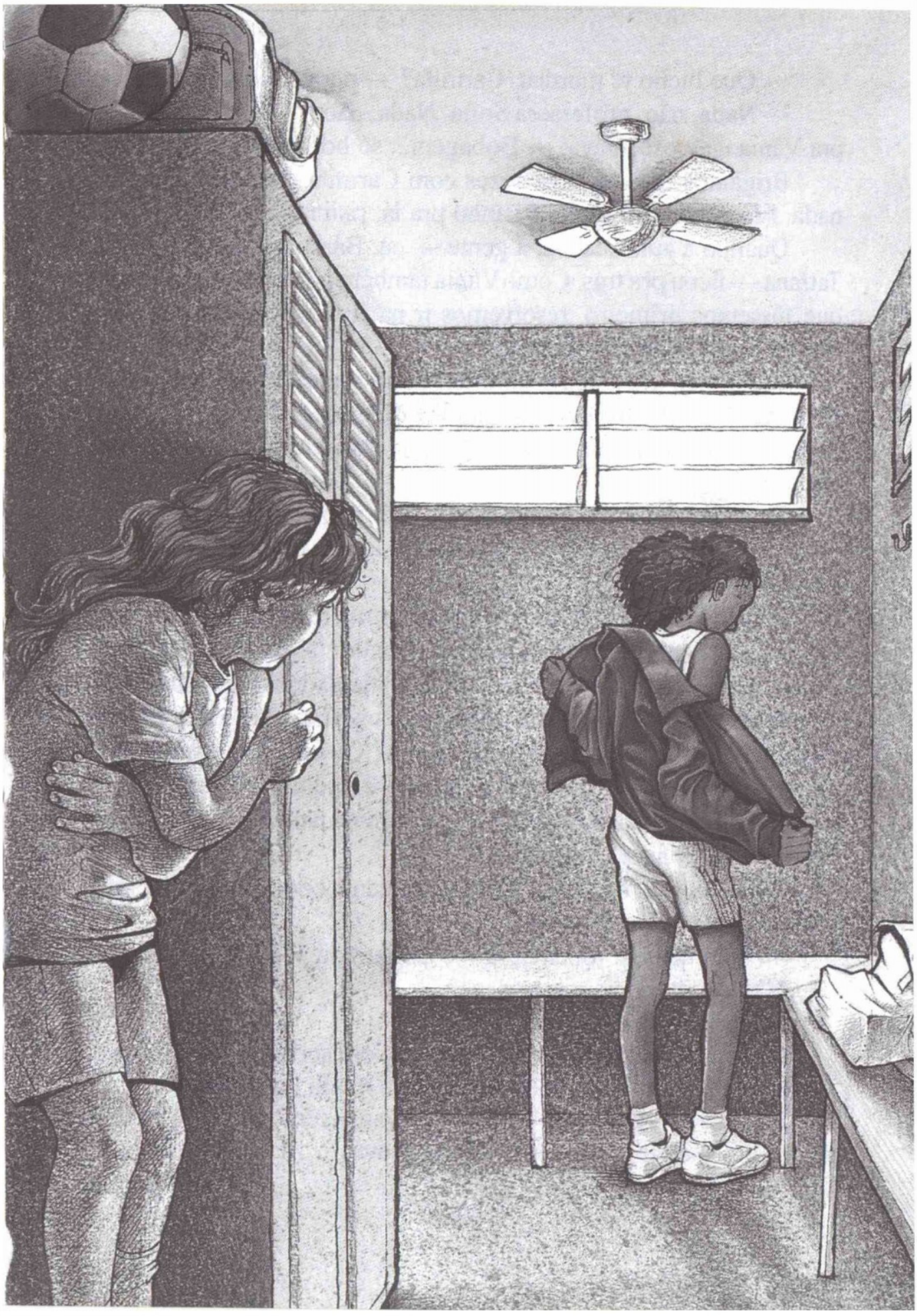
Brigamos duas ou três vezes com Carmita, mas não adiantou nada. Ela continuou rindo. Risinho pra lá, risinho pra cá.

Quando a aula acabou, a gente — eu, Bárbara, Carmita, Vivi e Tatiana—ficou pra trás. Como Vânia também não entrou, esperando que fôssemos primeiro, resolvemos ir na frente e impedir que ela ficasse ainda mais desconfiada.

Vânia não era boba e também tinha reparado os risinhos da Carmita. Algo dentro dela parecia lhe dizer que, de uma forma ou de outra, aquela inesperada alegria tinha alguma coisa que ver com ela.

Tomamos banho e nos trocamos bem depressa.

— Eu só quero ver a cara dela quando não encontrar... — gargalhou Vivi, ansiosa.



Quando ela entrou, nós saímos. Carmita soltou outro risinho e deu pra ver a desconfiança crescer na cara de Vânia. Ela sabia que a gente estava preparando outra de nossas maldadezinhas contra ela.

Voltamos pra sala. Tinha prova de geografia. Mas quem foi que disse que estávamos pensando em prova? Quem tinha cabeça para istmos e montanhas, capitais e países do mundo? Nenhuma de nós tirava os olhos da porta, esperando que Vânia aparecesse. Esperando pra ver como Vânia ia aparecer...

Ela demorou. Demorou tanto que a gente começou a olhar uma pra outra, com cara de boba.

— Será que ela foi embora? — perguntou Tatiana.

Não deu nem pra responder.

A porta abriu e Vânia entrou.

Todo mundo olhou pra ela. A professora sorriu amistosamente. Vânia sorriu de volta, mas dava pra ver o medo no rosto dela.

—Você está atrasada, Vânia — disse a professora. — É melhor ir logo pra sua mesa que eu vou dar a prova.

Vânia não disse nada. Encolhida, preocupada, apertou os braços bem junto do corpo.

— Olha, olha — pediu Carmita, apontando pra Vânia. — Tá escondendo os buracos debaixo do braço.

— E agora? — perguntei.

—Agora você vai ver só.—Dizendo isso, Carmita se levantou, ficando bem na frente da Vânia. Tinha um caderno na mão. Sorrindo com carinho, entregou-o para Vânia, as palavras se derramando de sua boca com fingida amizade: — Esse caderno é seu, Vânia?

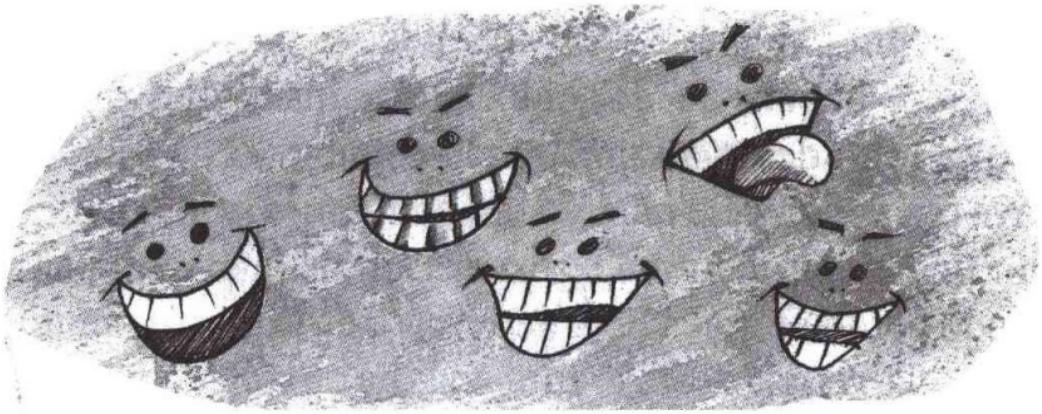
Vânia, pega de surpresa, estendeu a mão para apanhá-lo. O enorme buraco debaixo do braço direito apareceu para que todo mundo visse. Quem não viu na hora, acabou vendo quando Carmita, morrendo de tanto rir, apontou-o, gritando:

— Noooossa, Vânia, que buracão!

Gargalhou, mas gargalhou de se dobrar!

A turma inteira riu. Mais de Carmita, que não parava de rir, que de Vânia, que ficou parada no meio da sala, envergonhada, os olhos brilhando, cheios de lágrimas.

Maldade.



— Venha comigo, Carmita! — gritou a professora, pegando-a pelo braço, os olhos voltados preocupadamente para Vânia, penalizada. — E pare com essa gargalhada idiota! Pare!

Quem disse que Carmita parou?

Nada.

Ela continuou rindo mesmo depois que a professora a puxou para fora da sala. Riu até sem vontade de rir, só pra deixar Vânia ainda mais sem jeito, mais morta de vergonha.

CONFISSÃO

Estou me sentindo muito estranha. Penso em Vânia a toda hora. Depois da zombaria, ela não voltou mais pra sala e ficou uns dois ou três dias sem aparecer.

Nenhuma de nós está feliz. Estamos todas pra lá de sem graça. Não conversamos muito sobre o assunto. Nem sequer tocamos no nome de Vânia. Até a Carmita, que no começo andava pra lá e pra cá, toda cheia de si, já anda pelos cantos, com cara de culpada. Ela não é tão durona quanto pensava. Bastou a primeira censura silenciosa no olhar do resto da turma e dos professores para que ela desabasse. Até chorar, garantem alguns, ela chorou.

— Foi apenas brincadeira... — repetia pra quem quisesse ouvir, cheia de remorso. — Será que ninguém entende? Foi apenas uma brincadeirinha à-toa, gente...

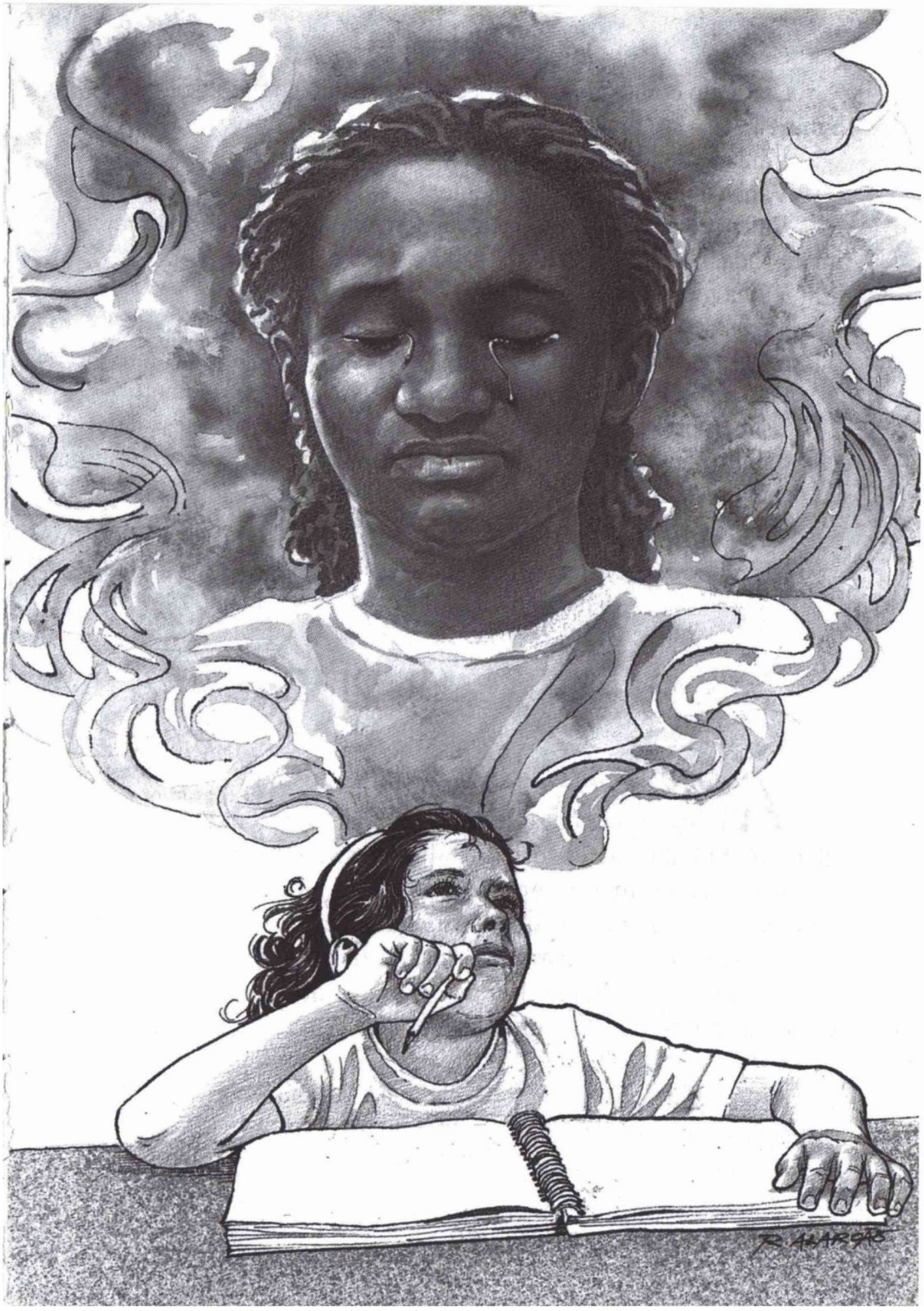
Ninguém entendeu e andam dando um gelo daqueles nela. Na verdade, em todas nós. Por isso, até preferimos não ficar perto da Carmita nos últimos dias. Covardia ou não, nenhuma de nós quer ser "gelada" pela turma e pelos professores. Mas a culpa é nossa e ninguém consegue se livrar dela.

Vivi diz que está se sentindo culpada de alguma coisa, embora não saiba exatamente do quê.

Tatiana levou uma bronca da mãe quando apareceu com uma advertência bem explicadinha na agenda.

Mamãe e papai não disseram nada, mas notei que ele ficou olhando pra mim de uma maneira tão esquisita...

Dava pra ver que ele não gostou nem um pouco do que fizemos.



Pior que eu também não gostei. Depois que Vânia começou a chorar, tudo perdeu a graça bem depressa e eu fiquei me sentindo mal, muito mal. Na verdade, envergonhada. Foi maldade o que fizemos.

Continuo com Vânia na cabeça. Tem Vânia de tudo que é jeito e maneira.

Vânia sorrindo.

Vânia se mostrando inteligente.

Vânia interessada. Vânia irritantemente interessada. Sempre interessada.

Vânia mexendo com a cabeça da gente.

Vânia de tudo que é jeito, mas também Vânia chorando, sofrendo, correndo pra fora da sala com vergonha dos buracões na camisa.

Carrego Vânia na cabeça e ela não sai do meu pensamento.

Estou morrendo de vergonha. Toda vez que olho pra mesa dela, vazia, sinto mais vergonha ainda. Se o chão se abrisse e me engolisse, eu nem ia reclamar.

INDIFERENÇA

A indiferença doeu. Doeu demais em todas nós. Vinda de todos os lados, a censura dos olhares silenciosos e da frieza de gestos, cada uma de nós sentiu, a seu modo, a solidão no vaivém de todos no pátio, na hora do recreio. Mas ninguém sentiu mais do que Carmita.

Estranho. Nenhuma de nós esperaria que ela, justamente Carmita, a pessoa mais cheia de si que conhecíamos, aquela que parecia ter todas as respostas e as soluções para todos os problemas e dificuldades na ponta da língua, sentisse tanto aquela diferença. Mas sentiu...

Sentiu de verdade...

A antiga rainha da sala, a orgulhosa e superindependente Carmita, a mais amadurecida de todas as meninas da 5a série, desabou diante de nós. Ela tornou-se silenciosa. Nem esperava mais por nós. Quando o carro parava na porta do colégio, tratava de entrar — nem fazia mais questão de que o motorista abrisse a porta pra ela, o que também o deixou muito surpreso — e ia embora. Falava pouco na sala, até mesmo com a gente.

— Será que os pais dela falaram alguma coisa? — perguntei para as outras.

— Só pode ser... — disse Vivi.

— E ela tem pai? — espantou-se Tatiana.

— Mas é claro que tem! Acha que ela é filha de chocadeira, é?

— Sei lá! Eu nunca vi pai algum procurando por ela aqui na escola. A minha mãe diz que até nas reuniões de pais quem vem é a empregada.

Sei lá, dava pena ver a Carmita sozinha no pátio, indo e vindo sem que ninguém se interessasse em falar com ela, sorrir pra ela, ligar pra ela.

Só. Carmita estava só. Muito só.

Arrependida?

Um pouco. Não muito, mas um pouco. Ela não precisava dizer. Dava para sentir. Aliás, todas nós estávamos.

O que parecia é que ela, que sempre fora o centro das atenções em todo e qualquer lugar, sentira-se diminuída com a chegada da Vânia. Quisera recuperar sua antiga posição. Conseguira, finalmente, mas acho que ela — como nenhuma de nós — não contava que Vânia, em tão pouco tempo, tivesse feito tantos amigos. Acabamos transformadas em bandidas num filme em que não queríamos tal papel.

Carmita precisava da atenção de todo mundo e agora não podia sequer contar com a das poucas amigas que ainda tinha.

É, se arrependimento matasse...

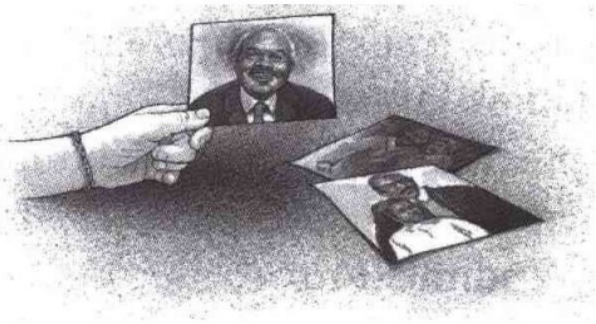
ÁLBUM DE FAMÍLIA

Ontem eu estava folheando o álbum de retratos de nossa família. Vi muita gente loura como mamãe. Vô Herman e Vó Olga, que ainda moram em Pomerode. Primo Válter. Tia Leda. Prima Danusa. Tias Gerusa e Eliane. Tinha até uma do velho tio-avô Fritz, de quem a mamãe fala muito, mas que não cheguei a conhecer.

Tem também minhas tias Laura e Geralda, irmãs do papai, meu primo Dua — Eduardo como meu pai — está sorrindo. Há uma dedicatória num dos cantos da foto, dizendo que ele está em Paris e que a torre atrás dele é mesmo a Torre Eiffel. Tio Lucas está na Marinha.

Primo Zeca se veste como um daqueles caras de gangues de rua que aparecem nos filmes americanos. Ele tem até trancinhas nos cabelos.

Contei menos fotos dos parentes do papai. A foto de Vó Eleutéria não é boa. Vô Jerônimo — com "J" mesmo — é bem grande e os lábios dele são tão grossos quanto os de Vânia. Aliás, ele é pretinho, pretinho. Igual a Vânia.



Vi mais fotos da família da mamãe que da família do papai.

Perguntei a minha mãe por que há mais fotos da família dela no nosso álbum.

— Não sei, filhinha. Acho que os parentes do seu pai não gostam muito de tirar retrato.

Será?

A VOLTA DE VÂNIA

Vânia!

O grito de surpresa e até a alegria de um sorriso tão inesperado quanto aliviado foi de Carmita. A surpresa foi tão grande que, por uns segundos, chegamos a acreditar que Carmita fosse correr ao encontro de Vânia e abraçá-la com toda força de uma saudade enorme.

Ela se controlou. Deu pra ver que Carmita se controlou muito para retomar ao seu velho jeitinho malicioso e dar aquele risinho debochado, quando finalmente disse:

— E não é que você teve coragem de voltar?

Ninguém ligou e ficamos desconfiando de toda aquela hostilidade e ironia que ela apressou-se em colocar nos gestos e no olhar. Mais um tempinho de descuido e, muito provavelmente, até chegasse a pedir desculpas...

Vânia voltou olhando diferente pra nós. Dá pra sentir que não vai mais chorar quando a gente fizer outra daquelas brincadeiras sem graça. Não vai mesmo.

Acho que, só pra atazanar de vez, ela voltou melhor do que antes. Agora não resta a menor dúvida de que é a melhor aluna da sala. Dá pra ver sua satisfação sempre que um professor lhe dá um novo dez em qualquer matéria. Nessas horas, ela fica bem parecida com Carmita e

parece esfregar aquele dez em nossas caras, com seus risinhos e longos olhares cheios de significados. Deve ser sua maneira de se vingar de nós. Pior que isso, só nos chamando de “burras”!

Carmita também continua a mesma. Passado o susto e os dias de solidão e gelo, a presença de Vânia começou a incomodá-la novamente e ela não perde uma oportunidade de provocá-la. Por enquanto, Vânia se finge de boba e ignora. Ultimamente, anda mais ocupada com os amigos que faz na turma. Todo mundo fala com ela, todo mundo gosta de ouvi-la. Está cada vez mais difícil encontrar quem não simpatize com Vânia.

Bárbara não se cansa de dizer, com um pouco de inveja, é claro, que ela é a queridinha dos professores, que todos na escola parecem ter nascido para paparicá-la.

— O que ela tem que nós não temos? — pergunta, de tempos em tempos, e nós ficamos nos olhando, atrás de uma boa resposta.

Também sinto inveja, por que negar?

Queria ser como ela.

Inveja.

Simpatia.

Carinho.

Ainda sinto um pouco de vergonha pelo que fiz com ela. Fico até vermel...

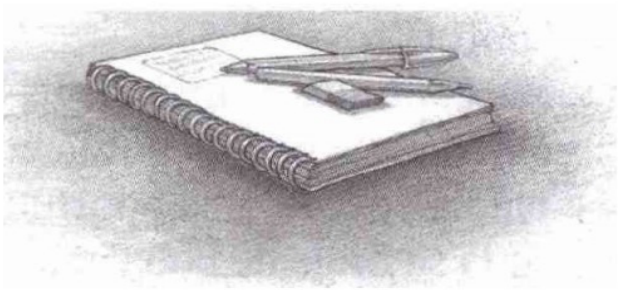
Não, não fico vermelha, não.

Não dá.

Estranho, não pensava nisso antes de Vânia chegar ao colégio.

Puxa, eu gostaria de ser amiga da Vânia. Falei com Carmita e ela quase teve um troço.

— Eu não vou ser amiga de pretinha nenhuma! — gritou, muito brava e o mais alto que pôde, pra que todo mundo ouvisse. Ouviram e ficaram olhando pra ela.



Carmita também é muito estranha!

Todo mundo acha. Até eu, Bárbara, Vivi e Tatiana.

Todo mundo.

Ficou ainda pior depois que Vânia apareceu em nossa sala.

R. ALARCÃO

CARMITA

Carmita disse que a mãe dela falou, e que o pai concorda, que gente preta não é muito inteligente, não. Que gente preta é preguiçosa e só vive criando confusão.

Falou também que a mãe garante que preto, quando não está na cozinha ou jogando futebol, é ladrão. Parece ser uma grande conhecedora de gente preta.

Sentamos e ficamos ouvindo. Carmita fica repetindo e a gente, achando a maior graça. Ela parece acreditar naquilo e, como somos suas amigas, ficamos ouvindo.

Carmita fala muito no pai e na mãe. Quem ouve pensa até que eles vivem grudados nela como chiclete. Fala também nos empregados da casa e garante que alguns até são uns pretos de muita confiança e bem legais.

— Pretos de alma branca — repete a frase mais conhecida da mãe. De vez em quando, fico pensando se alma tem cor. Perguntei, mas Carmita também não sabe. Só sabe o que a mãe diz e não procura saber mais.

A professora Renata ouviu Carmita dizendo aquelas coisas na aula dela e deu uma bronca em todas nós. Todos os outros alunos riram muito, mas Carmita não disse nada. Só olhou pra Vânia. Olhou e ficou com raiva.

Eu, hem?

— Se você deixasse de se preocupar tanto com a vida dos outros — disse a professora Renata—, talvez suas notas melhorassem um pouco, você não acha, Carmita?

A bronca deixou Carmita branquinha, branquinha.

— Aquela pretinha me paga! — repetiu duas ou três vezes, olhos fixos em Vânia.

Mas, afinal de contas, o que Vânia tinha feito?

Por que será que Carmita tinha sempre de encontrar uma maneira de colocar a culpa de tudo o que acontece na Vânia?

Carmita mete medo na gente. Principalmente em mim. Ainda mais depois daquele dia e da bronca da professora Renata. Sei lá! E se, de repente, ela notar que eu sou moreninha e aí... aí não sei!

Mas fico com medo dela. Do que fala e da maneira como pensa.

A professora Renata garante que não é culpa dela.

E de quem seria então?

BRIGA

— Oi!

Vânia levou um susto quando falei com ela, mas sorriu rapidinho e respondeu:

— Oi!

Carmita vinha logo atrás, com Vivi e Tatiana, e não gostou.

— O que você tá fazendo?

Também levei um susto e, muito pouco à vontade, respondi:

— Eu disse "oi" pra...

— É, eu vi.

— Todas nós vimos — acrescentou Tatiana, emburrada.

As três estavam aborrecidas comigo.

— Mas eu disse apenas "oi". Que mal há nisso?

— Nós não gostamos da Vânia — lembrou Vivi. — Pensei que você também não gostasse.

— Eu não gosto nem desgosto. Só falei "oi" e...

— Quer ser amiguinha dela também, é?—perguntou Carmita, cheia de maldade na voz.

— Não, eu...

— Acho que ela quer sim — disse Vivi, zombeteira.

— Não quero, não!

— Quer, sim!

— Não quero, não!

— Vai ver, quer ficar até pretinha como ela!

— Não!

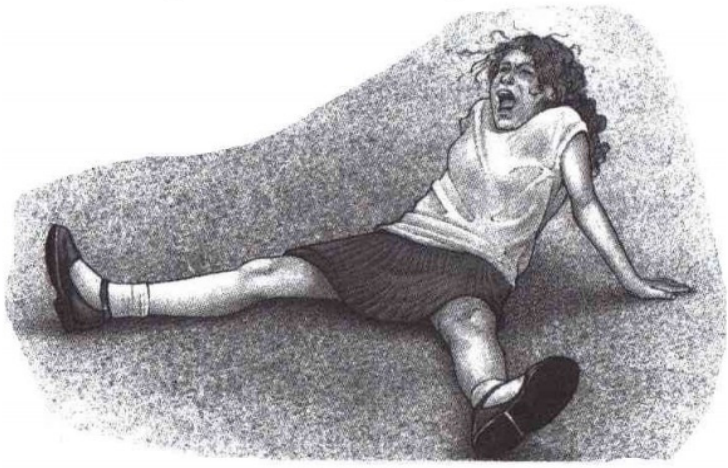
— Quer, sim!

Fiquei com medo.

Vergonha.

Meu rosto pegou fogo. Estava tão quente, que eu só podia pensar que estava pegando fogo.

Quando Carmita riu, debochando de mim, o medo cresceu ainda mais e, assustada, eu a empurrei. Ela me xingou e me empurrou de volta. Empurra pra lá, empurra pra cá. Empurrei mais forte e Carmita caiu sentada.



Todo mundo viu. Muita gente riu. Ela me olhou, cheia de raiva. Assustei-me e estendi a mão para ajudá-la a se levantar. Carmita deu um tapa na minha mão e resmungou:

— Você não é mais minha amiga!

— Mas Carmita...

Fui empurrada para o lado. Olhei pra Vivi e Tatiana, mas as duas nem falaram comigo. Viraram as costas e foram embora com Carmita.

Acabei sozinha.

SOZINHA

Vou e volto sozinha pra escola. Carmita e as outras mudaram de lugar só pra não ficar perto de mim. Apenas a Bárbara ainda fala comigo e, mesmo assim, de vez em quando. Ela prometeu que vai convencer Carmita de me perdoar.

Não entendi.

Perdoar por quê? Eu não fiz nada errado.

Contei pra minha mãe.

— Você brigou com sua melhor amiga por causa daquela... daquela...

"Pretinha", era o que queria dizer. Ficou tentando, tentando, tentando... acabou não dizendo.

De qualquer forma, não gostou. Nem me deixou explicar por que Carmita brigou comigo. Bastou mencionar o nome da Vânia pra minha mãe achar que conhecia toda a história.

Não falei nada. Fiquei ouvindo.

—Vai pedir desculpas a ela, filhinha. Vocês são amigas há muito tempo. Amigas não devem brigar desse jeito, ainda mais por causa de um motivo tão bobo como... como... como este!

Foi pior do que levar um tapa de Carmita.

Preferi não dizer nada. Fui embora. Não ia pedir desculpas a ninguém, muito menos a Carmita. Não ia mesmo!

Era melhor ficar sozinha.

Não adiantou. Mamãe convidou Carmita pra ir em nossa casa e, como eu não saí do quarto, pediu desculpas por mim.

AAAAAAAHHHHHHHH!

Que raiva!

Pior do que minha mãe se desculpando por uma coisa que eu não tinha feito, só o risinho debochado de Carmita quando a gente se encontrou no dia seguinte.

— Tá desculpada! — disse, rindo pra mim, de mim, e para as outras garotas que viviam à sua volta.

Puxa, que raiva!

O dia inteiro ela andou de um lado para o outro com aquele sorriso de deboche e vitória pendurado na cara, se divertindo às minhas custas.

Nem cheguei perto. Continuei sozinha.

DÚVIDAS

Tem horas que eu paro e penso...

Puxa, como a minha mãe, de vez em quando, é parecida com a mãe da Carmita!... Assusta um pouco. Será que a minha mãe não percebe o que está dizendo? Será que ela sabe o que está dizendo ou diz por dizer, quase sem perceber, quase sem querer?

O mais engraçado é que, ao contrário da mãe da Carmita, que é casada com um homem branco, a minha mãe é casada com o meu pai, que é negro. Ele pode ficar dizendo que é mulato e a minha mãe pode presenteá-lo com um "moreno" dos mais simpáticos, mas ele é negro.

Será que minha mãe já notou isso?

E, se notou, por que fica dizendo aquelas coisas, escondendo as fotos dos parentes do meu pai do álbum da família?

"Preto de alma branca."

“E preto, mas é boa gente.”

Sempre que eu ouço minha mãe falando, imagino a mãe de Carmita. Nessas horas, eu quase sempre penso nas razões que levaram minha mãe a se casar com meu pai. Fico triste nessas horas, pois penso um monte de coisas ruins.

Penso que meu pai tinha dinheiro e minha mãe, não. Que o pai de minha mãe estava sem um tostão e nem pôde pagar meu pai para defendê-lo num julgamento de sei-lá-o-quê...

Não, não é nada disso. Ela enfrentou muita gente para se casar com ele e muita coisa ruim depois que casou. Brigou até com alguns irmãos. Não, não foi por dinheiro, não. Isso é história de novela das seis... e das mais sem graça.

Acho que ela diz aquelas coisas apenas por dizer, por ter ouvido muitas e muitas vezes, ditas por muitas e muitas pessoas. Pra ela deve ser até normal e duvido que imagine que ofenda a mim ou a meu pai, já que, pra ela, nós também não somos negros.

“Moreninhos.”

Os “moreninhos” que ela ama.

Engraçado isso, não?

PERGUNTAS EMBARAÇOSAS

— Ô pai, por que tem tão poucos retratos da sua família no nosso álbum?

Papai parou de ler o jornal e, sem jeito, desviou o olhar por uns instantes para mamãe, que via televisão. Só depois de algum tempo tomou a me encarar.

— Sei lá, filha... tem mesmo?

— Tem...

— Sabe que eu nunca tinha reparado? —Virou-se para minha mãe e perguntou: — E você, Maria Helena?

Vi preocupação no rosto dela.

— Não, nunca notei isso. Mas nós já conversamos sobre isso, não é, minha filha?

— É...

— Se te deixar mais feliz, posso pedir a quem você quiser algumas fotografias pra colocar no nosso álbum de família, está bem assim, Bel? —Papai sorriu, mas parecia um sorriso sem vontade, um sorriso forçado.

— Tá... — concordei.

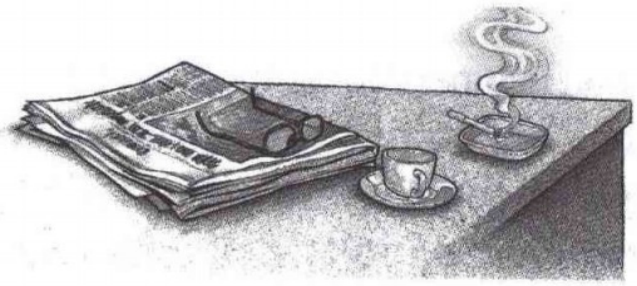
Papai continuou olhando pra mim, meio embaraçado, como quando a gente é apanhado fazendo algo que não devia e sente um pouco de culpa.

— Quem falta no álbum? — insistiu.

Lembrei-me do tio Quirino e da tia Lenita. Dos primos Cláudio, Germano e Fernando, filhos da tia Lenita. Não me esqueci do meu tio-avô Dagoberto, o que tinha ido morar com os filhos em Nova York e agora dirigia um táxi amarelinho.

Tio Pedro estava na Marinha. Primo Samuel vendia livros em uma editora em São Paulo. Prima Simone era engenheira e estava construindo uma estrada no Peru. Tia Cristina vendia apartamentos em uma imobiliária em Santa Catarina. Primo Luciano jogava futebol na Holanda. Vó Eulália morava numa casa bonitinha em Bertioga. Primo Vanderlei tocava numa banda de reggae em São Luís. Primo Henrique vivia ilegalmente na Flórida, e tinha até o tio Danilo, que estava preso numa cadeia na Alemanha.

Tinha pretinho, moreninho, mulatinho e até uns bem pretinhos. A família do meu pai.



Enquanto eu falava, notei como minha mãe olhava para o meu pai. Senti que não estava gostando nem um pouco daquela conversa. Meu pai também parecia chateado.

Esquisito.

A FESTA

Logo que começou o mês de junho, ninguém no colégio falava em outra coisa além da festa junina. Cada turma formou sua quadrilha para

competir no concurso que todos os anos o professor Epaminondas realizava no Harmonia.

Um grande ti-ti-ti.

Na primeira semana, o colégio foi todo enfeitado com bandeirinhas de papel. Na entrada, o pessoal da 8ª série colocou um enorme balão verde-amarelo. Na quadra, todo mundo contribuiu um pouquinho para a construção do "arraiá" do Pindura-Saia, o nosso arraial.

A animação era enorme em todas as turmas. Escolher os melhores dançarinos não era fácil e, na nossa sala, foi ainda mais difícil, pois desde o início Carmita e Bárbara implicaram com a presença de Vânia.

— Ah, não, ela não — insistiu Carmita, aborrecida.

— E por que não? — perguntei.

— Ora, porque... porque...

— Porque ela é nova na sala! — inventou Bárbara.

A turma se dividiu. Houve muita discussão. O grupo que apoiava Carmita era pequeno, mas muito barulhento. Perdemos mais de uma semana naquele participa - não participa. A birra da Carmita acabou não colando e a Vânia ficou na quadrilha. O pior ainda estava por vir, pois a professora Renata propôs o nome dela pra noiva e todos concordaram.

Pra variar, Carmita não perdeu tempo e na mesma hora alfinetou:

— A noiva do King Kong! — repetia de vez em quando, principalmente quando a gente estava ensaiando na quadra.

Elas e as outras riam de rolar pelo chão sempre que Vânia passava de braços dados com Humberto, o noivo da nossa quadrilha. Nada dava mais motivos para as implicâncias do grupinho de Carmita do que ver Vânia de braços dados com o menino, muito clarinho e de grandes olhos azuis.

De vez em quando, ela ia de um lado para o outro, resmungando:

— Nossa, não sei como o Humberto aceita uma coisa dessas!...

Ninguém lhe dava importância. Sem que percebesse, Carmita estava se tomando uma garota simplesmente insuportável para o resto da turma. Pouca gente — além, é claro, de Bárbara, Vivi e Tatiana — falava com ela. Até a professora Renata estava sem paciência com ela. Bastava a Carmita soltar um risinho — muitas vezes sem ter nada que ver com Vânia — pra ser repreendida.

Carmita corria o risco de acabar sozinha se continuasse mexendo com Vânia e fazendo pouco caso de tudo e de todos.

Ela andava sempre com raiva.

Raiva da atenção que Vânia recebia.

Raiva pelas broncas que passou a receber.

Raiva por Vânia dançar direitinho e formar um bonito par de noivos com o Humberto, que fora seu noivo na festa do ano passado.

Só por isso, nem quis fazer parte da quadrilha.

— Se não for pra ser a noiva, não quero! — resmungou, teimosa.

— Mas já estava na hora de escolher outra noiva, você não acha? — tentou argumentar a professora Renata.

A cara de Carmita ficou ainda mais amarrada. Não disse nada. Bem que queria. Imaginei que, se não fosse a professora Renata, ela muito provavelmente diria alguma coisa.

Dessa vez, no entanto, ela apenas reclamou:

— Perder o meu lugar, tudo bem... mas pra noiva do King Kong! Carmita estava mal-acostumada. Todo ano, por este ou aquele motivo, com uma ou outra argumentação, sempre conseguia convencer os outros participantes da quadrilha a escolherem o Humberto e ela para noivos. Definitivamente, não estava preparada para enfrentar a concorrência inesperada de Vânia.

— Eles me pagam! — prometeu, muito chateada.

Mesmo não fazendo parte da quadrilha, não perdia um ensaio. Ia só pra ficar sentada na beira da quadra, fazendo caretas e sacudindo a cabeça desaprovadoramente para o que quer que Vânia fizesse enquanto dançava.

— Tudo errado — dizia, vez por outra.

— Mas que noiva mais sem graça... — provocava.

— Se fosse eu, faria melhor! — garantia.

Em várias ocasiões, ela e as outras falavam tanto e arrumavam tamanha confusão que a professora Renata parava o ensaio pra dar bronca. Chegou até a expulsar as três da quadra. Noutra oportunidade, ainda acrescentou:

— Vocês estão mesmo é com inveja!...

Depois daquilo, elas não largaram mais do pé das outras meninas da quadrilha. Falavam um monte de bobagens. Diziam que a professora

Renata paparicava Vânia. Que Vânia só queria se mostrar. Tudo para tentar fazer com que a gente desistisse de participar. Carmita até lembrou que éramos amigas.

Todo mundo ouvia e ria muito da maneira como Carmita se esforçava pra atrapalhar. A gente ouvia, ria, mas continuava ensaiando. A turma inteira queria ganhar da quadrilha da 8ª série, que era a melhor do colégio. Inventaram até passos especiais pra noiva e pro noivo, que Vânia e Humberto ensaiavam às escondidas na casa da professora Renata. Ninguém sequer imaginava o que a nossa quadrilha estava aprontando.

Nem eles contavam.

— Segredo, segredo — repetia Humberto, com um risinho misterioso.

Nessas horas, Carmita sempre encontrava uma maneira de passar por perto e, cheia de despeito, resmungar:

— Puxa, mas vocês são bobos mesmo, né?

Ou o preferido dela:

— Quanta perda de tempo!

Estava de tal modo torcendo contra que pensei que ela e as outras não apareceriam no dia da festa. Mas apareceram. Carmita e, em volta, Vivi, Bárbara e Tatiana. As quatro andando pelos cantos, cochichando e soltando risinhos zombeteiros pra lá e pra cá, num ar misterioso, que deixou a professora Renata curiosa e preocupada.

— Aquelas quatro estão preparando alguma — disse, ajeitando os óculos; era meio gordinha e tinha sardas no rosto. Dentro de um vestido de chita todo florido e com os dois dentes da frente pintados de preto, estava realmente muito engraçada.

— O quê? — perguntei.

—Era o que eu queria saber. Mas se conheço Carmita, boa coisa não é!

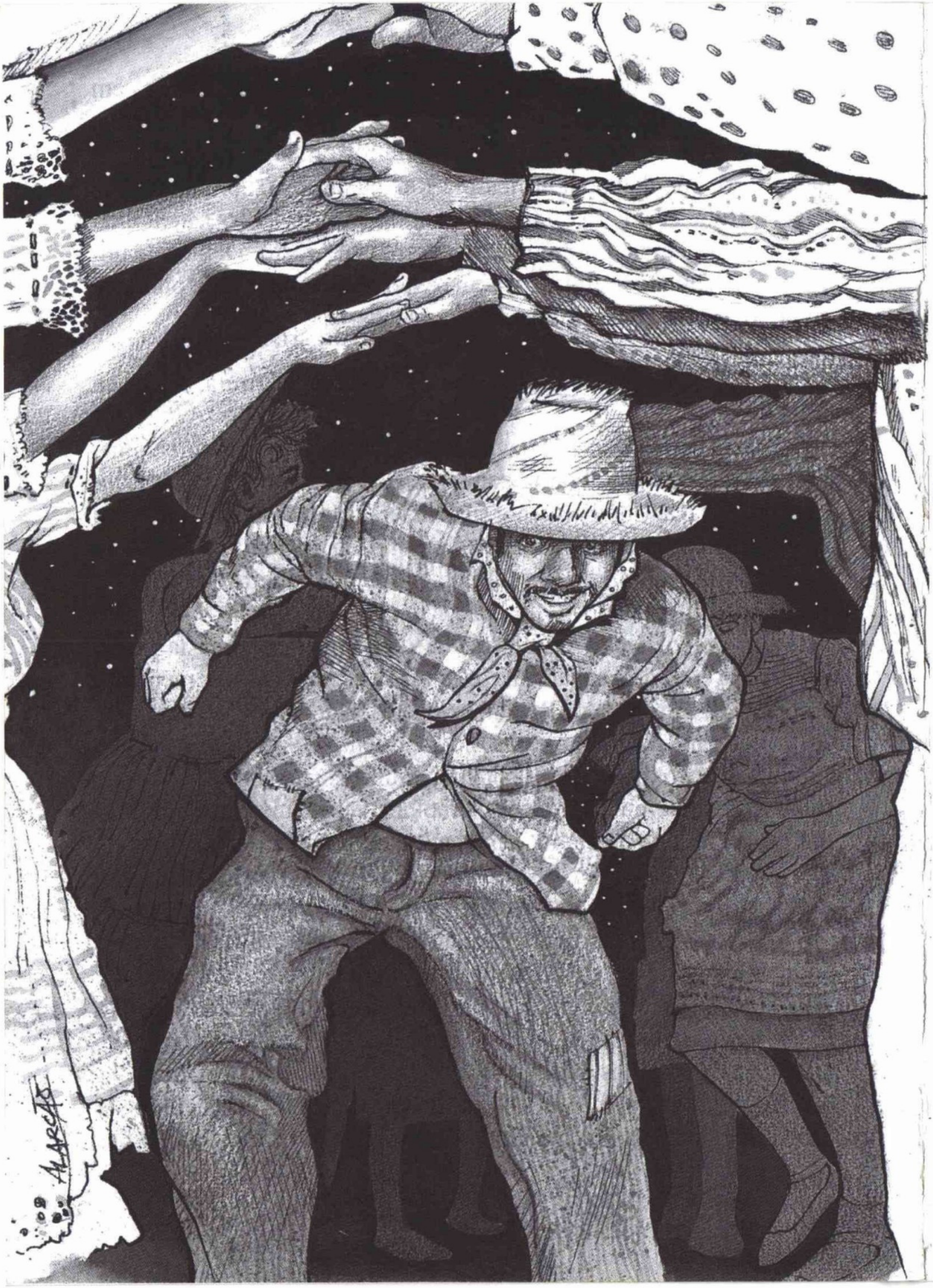
A gente imaginava que devia ter alguma coisa que ver com Vânia.

Ela estava muito bonita com o vestido de noiva e a professora Renata dizia que Humberto, por sua vez, era o noivo mais bonito entre todos os noivos presentes na festa. Preocupada, não saía de perto dos dois e não tirava os olhos de Carmita, onde quer que fosse. Quando o professor Epaminondas, que era o padre da festa do colégio, vestido

com um velho hábito religioso que conseguira sabe-se lá onde, anunciou a entrada da quadrilha da nossa sala, as pessoas começaram a aplaudir. A professora Renata teve de deixar Vânia e Humberto sozinhos, para nos organizar. Foi exatamente nesse momento que Carmita se aproximou deles, com um grande sorriso nos lábios e um cachorro-quente transbordante de molhos vermelhíssimos e douradas montanhas de mostarda e maionese, ainda maiores, na mão.

— Parabéns, Vânia, você está lind... — dizia, quando tropeçou e derrubou o cachorro-quente bem no peito de Vânia.

O vestido, branquinho, branquinho, ficou todo sujo com o vermelho do ketchup e o amarelo da mostarda. O molho de cebola e tomate escorreu até a cintura. O cheiro do cachorro-quente ficou em todo o vestido. O espanto foi ainda maior quando, com os olhos mais parecendo duas bolas de fogo, Vânia deu um soco em Carmita.



Não restava a menor dúvida de que Carmita tinha feito de propósito. Nem era preciso notar a satisfação nos rostos dela e das outras, mesmo quando pediam desculpas e lamentavam o que tinha acontecido. Estava na cara que fora uma vingançazinha de Carmita. Mas aquele soco pegou muita gente — principalmente os que sonhavam transformar Vânia numa santa — de surpresa. Ficou todo mundo de queixo caído.

— E agora? — perguntou Humberto.

Começou a tocar a música e foi um tal de olha-pra-lá-olha-pra-cá, gente segurando Carmita (que queria briga), gente afastando a Vânia (que queria se pendurar no pescoço dela. —Nossa, eu nunca tinha visto a Vânia com tanta raiva!), todo mundo procurando a professora Renata, tentando saber se entrávamos ou se simplesmente desistíamos. Coube a Vânia decidir.

— Agora a gente vai dançar!

Puxou Humberto pela mão e foi pra frente da quadrilha. Mesmo com o vestido todo lambuzado, puxou a dança e foi dançando, dançando, dançando...

Ficamos parados durante certo tempo, desorientados, até que a professora Renata passou a agitar as mãos e a fazer sinais para que fôssemos entrando, atrás dos dois.

— Não se esqueçam dos passos que ensaiamos! — pediu, preocupada.

Entramos.

Dançamos. Agitando os braços. Cantando. Dançando e cantando sem parar um só minuto. Olhando pra Vânia, vendo-a dançar mais e melhor do que qualquer um de nós. Dançando, mas dançando muito, dançando como se nada tivesse acontecido, como se o vestido não estivesse todo lambuzado de ketchup, mostarda e maionese. Dançando com muita alegria.

A 8ª série ganhou. Chegamos em segundo lugar, mas a professora Renata não parou de repetir pra quem quisesse ouvir que nós tínhamos vencido, ganho de verdade.

Volta e meia ainda me lembro dela abraçando-se a Vânia com força e carinho.

É, nós ganhamos mesmo!

AMIGAS

Fiquei meio sem jeito de tomar a iniciativa. Afinal de contas, depois daquele primeiro “oi”, a gente nunca mais se falou.

Quer dizer, falou sim, mas ali, aqui, nada de muito, nada de interessante, nada como se fôssemos amigas.

Bem que eu queria. De vez em quando, puxava papo, mas aí apareciam Carmita e as outras e era um tal de “Bel, o que você está fazendo?”, “Ia falar com ela, Bel?”, que eu acabava ficando sem graça e desistindo. Esquecia.

Mesmo depois que briguei com Carmita, ficamos cada uma de um lado e só nos encontrávamos quando entrávamos na sala de aula ou saíamos dela. Chegava a ser estranho.

Durante os ensaios da quadrilha, chegamos a nos falar e, depois do que aconteceu, falávamos quase todo dia. Passei a ir de ônibus com ela. Minha mãe se chateou, dizendo que não ficava bem, que a gente tinha um carro com motorista pra me levar e me buscar. Bati pé. Resmunguei muito. Fiz até birra. Ela acabou aceitando. Quer dizer, concordou, mas mesmo assim ficou um tempão reclamando, apelando pra eu tomar cuidado.

Puxa, quem visse a mamãe, certamente pensaria que eu estava indo pra guerra.

Mãe é mãe, né?

Sabe, andando de ônibus com Vânia, descobri que realmente não a conhecia.

Claro, tinha a Vânia da minha sala, que era esperta e inteligente, que só recebia elogios e irritava meio mundo com seu jeitão de CDF. Havia a Vânia santinha, que não cometia um só erro e que era

paparicada por professores e colegas. Havia a Vânia que escondia seus sentimentos por trás de sorrisos e de gestos de indiferença. Havia também a Vânia calada, mas teimosa, que dançou na quadrilha.

No entanto, encontrei mais uma Vânia, que eu não conhecia direito, uma menina que era obrigada a não ser menina, que falava com muito orgulho dos pais que tinha, mas que muitas vezes se sentia sufocada por eles e por seus sonhos.

•Muitas Vânias.

Aquela que vivia fazendo planos para muitos e muitos futuros.

Uma outra que se equilibrava sobre a corda bamba de sonhos sempre grandiosos, que dizia que queria ser advogada, mas apenas porque os pais desejavam. Na realidade, ela ainda não pensara em nada daquilo. Queria era viver bem sua vida.

É, aquela Vânia eu não conhecia.

Tinha também outra Vânia, que estufou o peito cheia de satisfação quando contou que ainda ajudava a mãe, que era lavadeira.

Uma outra Vânia tinha os olhos sempre brilhantes de entusiasmo quando falava do pouco que tinha como se fosse um tesouro grandioso.

Ah, é... e tinha, claro, a Vânia que reunia todas as outras numa só. Foi a essa que um dia eu acabei chamando de amiga.

Eu não sabia que ela era assim.

No quarto dela não tem lugar pra mais nada a não ser livros. Livros. Livros. Livros.

É bem verdade que nem todos ela leu...

— Meu pai diz que a gente tem de ler livros, que pobre e preto tem de ser inteligente e não dar bandeira se quiser vencer na vida, mas eu gosto mesmo é de ler os gibis da *Mônica* e do *Tio Patinhas*. Tem alguns livros que já li e gostei pra caramba. Outros são muito grossos e difíceis de entender. Mas se eu não aceitar os livros ou disser que não gosto da maioria deles, acho que ia chatear o meu pai. Por isso, aceito tudo. Qualquer hora dessas, talvez até leia todos eles ou, pelo menos, a maior parte.

Não quis dizer nada, mas a Vânia já tinha lido mais livros do que qualquer uma de nós na sala... e sem ser obrigada.

Digam o que disserem, ela é realmente uma fera. Só que não gosta disso.

— É chato você ter de passar o tempo todo fazendo papel de boazinha, não se metendo em confusão, não reagindo às provocações de gente como a Carmita, apenas porque o pai da gente diz que pessoas como nós não devem se comportar mal, que é feio brigar e que vão falar mal da gente se brigarmos, xingarmos ou não concordarmos com o que nos dizem. Eu já não estava mais agüentando ter de engolir tudo o que Carmita dizia ou de ser sempre a sabe-tudo da sala. Eu quero apenas ser igual a todo mundo.

— Já disse isso pro seu pai?

— Já...

— E ele?

— Morre de medo de eu perder a bolsa de estudos no colégio. Mas eu já disse pra ele que se não for no Colégio Harmonia, pode ser em qualquer outra escola. Uma escola pública como a que eu estava. Lá eu não era tratada como animal raro, lá eu era gente e...

— Ah, esquece isso, Vânia, agora tudo vai ser diferente.

— Vai?

— Quer saber a verdade?

— Quero!

— A gente é que vai fazer ficar diferente.

Ela me emprestou um de seus livros. Um dos que ela já tinha lido. *A cor da ternura*. Depois que devolvi, peguei mais dois. *A história de uma folha. As viagens de Gulliver*. Passei a levar pra ela os que encontrava lá em casa. Ah, é, e os gibis...

Somos amigas de verdade.

É claro que Carmita não gostou nem um pouco e voltou a implicar com Vânia e ainda mais comigo.

Ela não muda.

Põe defeito em tudo. Arremeda a gente, o meu jeito e o jeito de Vânia andar. Me chama de "gansa gorda". Maldade. Vânia é sempre a "bonequinha de piche". Ou "picolé de asfalto". Toda hora me pára na ma e puxa conversa, mexe mais um pouco. Quando não respondo, me empurra. Diz bobagem...

Carmita continua com raiva. Ela ainda não conseguiu tirar a grande máscara de bruxa má que colocou na cara.

—Não liga, não, Bel — pediu Vânia, segurando meu braço. — Ela é boba assim mesmo!

Ah, aí Carmita não agüentou e soltou uma gargalhada que fez todo mundo, inclusive o professor Genésio, virar e olhar pra ela.

— Pode contar a piada pra nós também, Carmita? — perguntou o professor. — Pelo visto, deve ser muito boa, não?

—Ahhh, não é nada, não, professor... bobagem, só bobagem... — Carmita, muito sem jeito, não deu mais nem um pio o resto da aula.

Não tinha acabado.

Dava pra ver pela cara feia que Carmita fez pra gente.

No recreio, veio atrás de nós. Ela, Tatiana e Bárbara. Quando Vânia viu que Carmita tinha um copo de iogurte na mão, disse:

— Se ela vier me sujar com aquele iogurte, vai levar um banho de guaraná!

Exibiu o copo cheinho que tinha na mão, arma poderosa contra as intenções das três, fossem lá quais fossem.

Mas Carmita só queria falar e implicar. E, como pensávamos, falou e implicou. A gente não deu a menor bola. Ficou olhando e ouvindo. Esperando que se cansasse.

— Você é tão boba, Carmita — disse Vânia, depois de ouvir tudinho com a maior calma do mundo.

Fomos saindo.

Virei pra trás e ri muito.

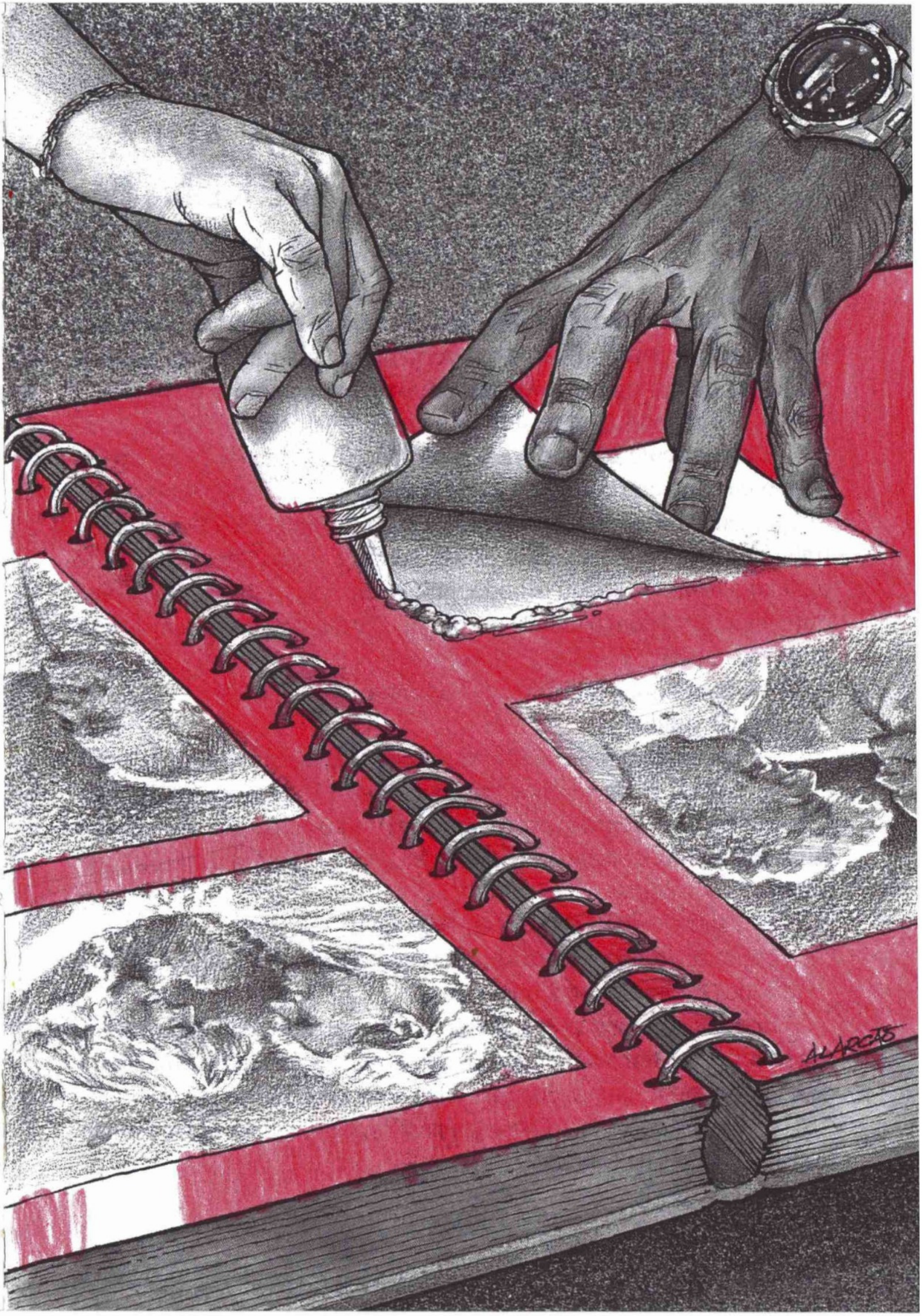
Bárbara olhou pra Tatiana, Tatiana olhou pra Bárbara e as duas olharam pra Carmita. Parecia ensaiado.

— E agora? — perguntou Tatiana.

— E eu sei lá! — respondeu Bárbara. Virando-se para Carmita, quis saber: — E então, Carmita? A gente...

Continuamos andando como se não fosse conosco, mas deu pra ouvir, e ouvir bem, quando Carmita começou a gritar com as duas. Ô, se deu!...

Alguém tinha de pagar o pato, não tinha?


ALARCÃO

COLANDO FIGURINHA

Eu me assustei quando meu pai entrou no quarto e atirou um punhado de fotografias e o nosso álbum de família sobre a cama.

— O que foi, pai? — perguntei.

Ele sorriu e sentou-se ao meu lado.

— Nada — respondeu. — Eu só achei que você gostaria de me ajudar a colar algumas figurinhas no álbum.

Olhei de novo e todos estavam lá. A família de meu pai. Pretinhos, pretinhos. Aquele primo, aquela tia, meus avós. Muita gente. Sorri para meu pai e entendi tudo.

— Eu acho que andei me preocupando com muitas coisas importantes e esquecendo outras tantas. —Apontou para as fotografias e acrescentou: — Como a minha família.

— A mamãe...

— A sua mãe não gosta de alguns dos meus parentes, como eu também não vou com a cara de muitos dos dela. — Papai beijou minha testa com carinho e tomou a sorrir: — A gente se entende.

— É mesmo? De verdade?

— Verdade verdadeira. E então? Você vai ou não vai me ajudar a colar as figurinhas?

E claro que ajudei.

Finalmente a minha família estava completa.

UMA AULA DIFERENTE

O professor de história foi o primeiro a entrar. Depois veio a professora de português. A de matemática sorria muito, enquanto o professor de biologia conversava animadamente com o de inglês.

— Tá faltando um professor negro... — observou Vânia.

Ultimamente ela andava se soltando de verdade. Já se fora o tempo em que entrava muda e saía calada, que aceitava tudo docilmente. Questionava os professores a todo instante. Discutia quando tinha de discutir. Finalmente estava sendo a verdadeira Vânia. Até uma nota ruim ela andou tirando, pra espanto de todos. A sua última implicância

era com o fato de o Colégio Harmonia jamais ter tido um professor negro.

— Aqui nunca teve um... — lembrei.

— Tô vendo.

— Será que o professor Epaminondas é racista?

— Sei lá!. Pode ser que, com a fama do Harmonia, colégio de elite e coisa e tal, nenhum professor negro tenha tido a coragem de dar as caras por aqui com um currículo. De qualquer forma, está faltando um professor negro...

— Psst! — disse alguém atrás de nós.

O diretor do colégio foi o último a entrar. Parecia conselho de classe.

Todos perfilaram-se à nossa frente.

Entreolhamo-nos, preocupadas. A preocupação aumentou a palidez no rosto de Carmita. Bárbara e as outras tinham apreensão e medo nos olhos arregalados, em grande mas silenciosa expectativa.

—Lá vem coisa...—disse alguém atrás de mim. Pude notar que não tiravam os olhos de Carmita.

Silêncio.

Nem o sorriso amistoso do diretor e dos professores serviu pra tranqüilizar a turma.

— Olha a suspensão aí, gente!...

Ficamos esperando. Depois de uns instantes, o diretor adiantou-se e ficou nos observando em silêncio por mais algum tempo. Sorriu.

— Iiii... — A voz com preocupação mais uma vez soou em meus ouvidos.

Outro sorriso e finalmente ele disse:

— Nós temos um problema.

Um instante de silêncio e tensão, os olhares indo pra lá e pra cá, interminavelmente.

Ele fez um gesto tranqüilizador.

— Não, não. Quando digo que temos um problema, não estou dizendo que não podemos resolvê-lo... isto é, se quisermos. Estou dizendo apenas que podemos resolvê-lo se decidirmos tomá-lo nosso. Não, não é o problema deste ou daquele. É um problema nosso e, lamento dizer, um problema muito antigo, que começou com outras

pessoas e que eu e pessoas como eu preferimos eternizar—olhou pra Carmita e depois pra Vânia, e mais uma vez pra Carmita. — Precisou que alguém nos acordasse para ele.

Sorri pra Vânia. Ela sorriu de volta.

— Lamentavelmente, não é um problema tão pequeno que possamos resolver e eliminar aqui. Não, ele não existe apenas aqui. Existe em muitos lugares e de muitas formas diferentes. Existe até em quem, muitas vezes, se acha imune a ele.

— Nós — apontou para os professores — andamos conversando. Conversamos, discutimos, brigamos. Sabe, seria fácil deixar que as coisas se resolvessem por si só, que ficasse o dito pelo não dito a que costumeiramente gostamos de relegar nossas dificuldades. É fácil. Fecham-se os olhos e pronto! Não existe o problema. E se ele existe — que beleza! —, nós não o vemos. Podíamos ter feito isso. Não era com a gente. Não nos dizia respeito. Quem tivesse o problema, que cuidasse dele. Não é assim que costumamos fazer?

Silêncio.

— Bom, mas não é assim que se resolvem os problemas. Talvez seja assim que os escondamos, mas não é assim que os resolvemos. Por isso, decidimos tomá-lo nosso. Meu. Dos professores. Dos alunos. De todo o Colégio Harmonia.

Silêncio.

Subitamente, um dos alunos no fundo da sala perguntou:

— Que problema é esse, diretor?

O diretor voltou-se para os professores e apontou-os para todos nós, informando:

—A aula de hoje será exatamente sobre isso e todos nós vamos falar sobre esse problema... sobre discriminação...—inesperadamente, virou-se para Vânia e perguntou: — Por que você não começa, querida?

TEMPO AO TEMPO

As aulas sobre preconceito e discriminação racial — entre outras tantas — duraram uns quatro ou cinco dias. Todos os professores falaram sobre o assunto. Os alunos ouviram com maior atenção

— muitos, claro, cheios de fingimento, com aquela cara de não-é-comigo comum a quase todo mundo.

A maioria parou com a implicância e resolveu dar um descanso pra Vânia.

A maioria, não, todos. Carmita não se emenda mesmo. Pensa que ela tem medo de suspensão ou advertência na agenda?

Que nada.

Ela acha é graça!

— Se eu for suspensa—sacode os ombros, despreocupadamente —, vou pra praia. E lá em casa não tem ninguém pra ler a agenda...

Melhor deixar pra lá, é o que Vânia diz. Eu tento. Lembro que deve ser chato não ter ninguém por perto nem pra dar uma bronca na gente, como é o caso da Carmita. Tento fuçar e encontrar alguma coisa boa nela. Mas tem horas, ah, tem horas que é difícil engolir as implicâncias.

Quer ver?

Ontem, eu e Vânia estávamos saindo do colégio quando Carmita apareceu atrás de nós com sua turma.

— Olha, lá vai a pretinha! — disse.

Aí, Bárbara, sempre maldosa e de combinação com a Carmita, perguntou:

— Qual delas?

É isso aí. Agora a maior novidade entre elas é me chamar de "pretinha" também. Incomoda e elas sabem disso. Não gosto de ser chamada de "pretinha", como a Vânia também não gosta. Talvez jamais venha a gostar ou deixar de me incomodar. Não vou fingir.

Mas quer saber de uma coisa, quer? Não faz nem bem nem mal a Carmita me chamar de "pretinha". Faz parte.

Acontece que eu não tenho a paciência da Vânia nem sei me controlar tão bem quanto ela. Não, não vou dar um soco na Carmita. Mas eu tenho lá os meus truquezinhos e, quando ela ainda estava rindo, virei e soltei o primeiro:

— Branca azeda!

Preconceito, né?

Apesar de tudo o que ouvimos naquela semana, o preconceito não acaba com belas palavras ou com boas intenções. Ele acaba

verdadeiramente quando começamos a respeitar um ao outro em nossas diferenças.

— Branca azeda!

Algumas vezes essas duas palavras funcionam. Noutras, não. Um chato é um chato e nada que a gente faça consegue mudá-lo. Carmita é, definitivamente, uma chata.

Apelido pra lá, apelido pra cá, e volta e meia a professora Renata está dando bronca na gente, dizendo que estamos sendo preconceituosas umas com as outras e que o preconceito é uma coisa danada de traiçoeira — quando a gente menos espera, está sendo preconceituosa.

O que ela queria dizer?

— Uma pessoa chamada de "pretinha" pelas colegas pode ser a mesma que chama as colegas de "branca azeda" ou "barata descascada" — disse ela. — Qual é a diferença? Nenhuma. As duas estão sendo preconceituosas.

Falou e disse!

Muitas vezes, acho que, no fundo, no fundo, a gente até se diverte com toda aquela implicância de parte a parte e que a sala de aula ficaria meio sem graça se fosse diferente, com todo mundo se tratando por "milady" e "milord", "estimada colega" ou "ilustre mestre". Talvez fosse bem pior com todo mundo fingindo uma aceitação que não existe ou escondendo seus verdadeiros sentimentos.

Abaixo o politicamente correto!

O mais engraçado é que, noutras ocasiões, parece que tudo vai acabar e vamos começar a nos entender sem raiva boba e implicâncias sem sentido. Sabe, tem semanas que a Carmita até esquece de nós; já houve dia em que ela e as outras chegaram mesmo a puxar conversa com a gente.

Eu e Vânia fizemos doce, só de farra.

— Qualquer hora falamos com elas — disse Vânia, achando a maior graça das caras de boba que faziam.

Tatiana acabou dando o braço a torcer. Resolveu falar com a gente. A verdade é que começou por puro interesse — ela precisava de uma cola pra prova de matemática e só encontrou as respostas com Vânia —, mas viramos amigas umas das outras.

Sabe o que penso?

No fundo, no fundo, não vale a pena brigar por isso ou por aquilo com socos e palavrões. Tem modos bem mais inteligentes.

Não, não são fáceis. São mais inteligentes.

Tem o silêncio quando não há espaço para as palavras e a boa educação.

Tem o tempo quando se está com a razão e lutamos por aquilo em que acreditamos.

Tem a boa vontade para explicarmos a quem não nos compreende e para compreendermos mesmo aqueles que estão errados.

Tem até um sorriso...

Um sorriso na hora certa abre portas e corações. Pode mudar tudo e qualquer coisa.

Acho mesmo que o problema deixa de ser problema quando começamos a gostar de nós, como Vânia gosta de si mesma antes de gostar dos outros. Ele deixa de existir quando a gente se sente bem sendo única e tão-somente o que é.

Pretinha, eu?

Não tô nem aí!

JÚLIO EMÍLIO BRAZ

Nasci em 16 de abril de 1959, na cidadezinha de Manhu-mirim, Minas Gerais, mas aos cinco anos vim para o Rio de Janeiro com minha família. Considero-me carioca, até porque penso que ser carioca não é apenas uma questão de naturalidade, mas, antes de tudo, de afinidade com esta cidade simplesmente maravilhosa.

Sou autodidata — aprendi a ler aos seis anos com gibis e aos quatorze escrevia meu primeiro texto e ganhava por ele. Profissionalmente, comecei aos vinte e um anos, por acaso, quando fiquei desempregado e fui escrever roteiros de histórias em quadrinhos de terror para a Editora Vecchi. Posteriormente, escrevi para outras editoras brasileiras, como Globo, D'Arte e Nova Sampa, só para citar algumas, e ainda escrevo para pequenas editoras norte-americanas. Tenho histórias em quadrinhos publicadas na Bélgica, na França, em Portugal, na Holanda, na Alemanha, em Cuba e nos Estados Unidos. Posteriormente, escrevi livros de bolso do gênero western para várias editoras no Brasil e tenho até hoje 412 deles publicados, sob 39 pseudônimos diferentes. Escrevi esquetes para o programa Os Trapalhões, da TV Globo, e roteiros para mininovelas para a televisão paraguaia. Atualmente, tenho livros publicados em mais de dez editoras brasileiras e estrangeiras, num total de 73 publicados num universo de 98 escritos e contratados.

Se alguém me perguntar como cheguei a me tornar escritor, eu não saberia explicar. Escrever para mim é, antes de qualquer coisa, um gesto de absoluta necessidade. Sou de família pobre, mas cresci rodeado de livros e revistas — graças a uma tia que, empregada doméstica na casa de uma família rica no Grajaú, bairro do Rio de

Janeiro, reunia elevava para mim todos os livros e revistas que as crianças da casa não queriam mais. Eles foram os meus mestres e, reunidos, transformaram-se na faculdade formadora deste escritor que sou hoje. Aprendi com cada um deles e continuo aprendendo. Resolvi me dedicar quase inteiramente às crianças e aos adolescentes ao perceber que, à época que comecei a escrever para eles, a grande maioria dos autores simplesmente negligenciava os temas da atualidade que direta ou indiretamente diziam respeito a esse público. Sempre gostei da polêmica e do debate e encontrei na temática social da maioria dos meus livros um espaço adequado para exercê-los, ao mesmo tempo que estimularia os jovens a fazer a melhor coisa da vida de qualquer ser humano e aquilo que o tornou verdadeiramente grandioso: pensar, refletir e, acima de tudo, questionar. Assim, faço uma literatura que, antes de tudo, se impõe como questionadora.

OUTRAS OBRAS D O AUTOR

A coragem de mudar, juvenil, FTD, São Paulo, 1994.
A história azul. infantil, Paulinas, São Paulo, 1996.
A história de Lalo. Ao Livro Técnico, Rio de Janeiro, 1993.
A rua do ferrar juvenil, Atual, São Paulo, 1995.
Abre-te, Sésamo! juvenil, FTD, São Paulo, 1993.
Algum lugar, lugar nenhum, juvenil, Ao Livro Técnico, Rio de Janeiro, 1992.
Anjos no aquário, juvenil, Atual, São Paulo, 1992.
Asimove os perseguidores da lua. juvenil, FTD, São Paulo, 1994.
Avião, juvenil, FTD, São Paulo, 1995.
Bilhetinhos. juvenil, Ao Livro Técnico, Rio de Janeiro, 1993.
Biografia de Santo Antônio. quadrinhos, Vozes, Petrópolis, 1990.
Céu vermelho. juvenil, Ao Livro Técnico, Rio de Janeiro, 1995.
Coisas da vida. juvenil, Ao Livro Técnico, Rio de Janeiro, 1996.
Crianças na escuridão, juvenil, Moderna, São Paulo, 1991.
Figli dei buio. Mondadori, Verona (Itália), 1996.
In la oscuridad. Fondo de Cultura Econômica, México, 1994.
Kinder im Dunkeln. Verlag Nagel & Kimche/SaintGabriel, Zurique(Suíça)/Viena (Áustria). (**Título premiado**)

Depois que papai se foi... juvenil, FTD, São Paulo, 1993.
Desprezados Futebol Clube, juvenil, Moderna, São Paulo, 1997.
Enquanto houver vida, viverei, juvenil, FTD, São Paulo, 1992.
Fala comigo, pai! juvenil, Moderna, São Paulo, 1995.
Família, juvenil, Ao Livro Técnico, Rio de Janeiro, 1996.
Felicidade não tem cor. juvenil, Moderna, São Paulo, 1994.
História de Nossa Senhora Aparecida, quadrinhos, Vozes, Petrópolis, 1991.
Luiz Gama: de escravo a libertador. juvenil, FTD, São Paulo, 1991.
Maria, religioso, Vozes, Petrópolis, 1995.
Megalópolis. juvenil, Ao Livro Técnico, Rio de Janeiro, 1995.
Meninos e meninas. (Coleção Pré- Escolar), Arco-Íris, Curitiba, 1994.
Meu Círio de Nazaré, juvenil, FTD, São Paulo, 1994.
Meu pai, meu herói & seus heróis. juvenil, Editora do Brasil, São Paulo, 1995.
Na selva do asfalto, juvenil, Moderna, São Paulo, 1994.
Numa véspera de Natal, juvenil, Moderna, São Paulo, 1994.
O legado de Aranda. juvenil, Saraiva, São Paulo, 1996.
O mistério do homem amarelo. juvenil, Lê, Belo Horizonte, 1997.
O mexicano, (adaptação) juvenil, Scipione, São Paulo, 1996.
Ora pro nobis. juvenil, Ao Livro Técnico, Rio de Janeiro, 1996.
Os bebês da Babilônia, juvenil, Atual, São Paulo, 1993.
Os bons de bola. juvenil, FTD, São Paulo, 1994.
Os liberteiros. juvenil, FTD, São Paulo, 1992.
Papai Noel de montão, infantil, Ao Livro Técnico, Rio de Janeiro, 1994.
Pivete, juvenil, Editora do Brasil, São Paulo, 1989.
Rua 46. juvenil, Saraiva, São Paulo, 1995.
Saguairu. juvenil, Atual, São Paulo, 1988.
Sete faces da ficção científica, juvenil, Moderna, São Paulo, 1992.
Sete faces da primeira vez. juvenil, Moderna, São Paulo, 1993.
Sete faces do amor. juvenil, Moderna, São Paulo, 1992.
Sete faces do crime, juvenil, Moderna, São Paulo, 1992.
Sete faces do destino, juvenil, Moderna, São Paulo, 1993.
Sete faces do herói, juvenil, Moderna, São Paulo, 1993.
Sete faces do humor, juvenil, Moderna, São Paulo, 1993.

Sete faces do terror, juvenil, Moderna, São Paulo, 1992.
Sete faces dos contos de fadas. juvenil, Moderna, São Paulo, 1993.
Só entre nós. juvenil. Ao Livro T éc- nico, Rio de Janeiro, 1993.
Sol ardente, juvenil, Atual, São Paulo, 1997.
Sujo! juvenil, FTD, São Paulo, 1995.
Tantos natais, juvenil, Paulinas, São Paulo, 1997.
Um certo Kobayashi Maru. juvenil, FTD, São Paulo, 1994.
Um conto de fim de mundo, juvenil, FTD, São Paulo, 1995.
Um sonho dentro de mim. juvenil, Moderna, São Paulo, 1994.
Uma pequena história de natal. juvenil, Atual, São Paulo, 1990.
Zumbi, juvenil, Memórias Futuras, Rio de Janeiro, 1995.

editora scipione
www.scipione.com.br

Edição - Samira Youssef Campedelli
Assistência editorial - Edgar Castro
Preparação - Maysa Monção Gabrielli
Revisão - Eglê Fontes Guimarães e Léia Fontes Guimarães
Coordenação de arte - Maria do Céu Pires Passuello
Projeto de capa - Didier D. C. Dias de Moraes
Editoração eletrônica de capa - Wladimir Senise e Mansa Iniesta Martin
Ilustrações - Renato Alarcão
Diagramação - Jean Cláudio da S. Aranha e André Marsiarelli

2004
ISBN 85-262-421 5-6-AL
ISBN 85-262-4216-4-PR

2ª EDIÇÃO
(7ª impressão)
Impressão e Acabamento
Gráfica Bandeirantes

Dados internacional da Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Braz, Júlio Emílio, 1959-
Pretinha, eu? / Júlio Emílio Braz. - São Paulo: Scipione, 1997. - (Série Diálogo)

1. Literatura infanto-juvenil. I. Titulo. II. Série.

97-2721 CDD-028.5

índices para catálogo sistemático:
1. Literatura infanto-juvenil 028,5
2. Literatura juvenil 028.5